



Cartas às crianças do futuro

narrativas sobre a pandemia Covid-19



O Cartas às crianças do futuro

narrativas sobre a pandemia Covid-19

I São Paulo | 2020 |



Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2020 os autores e as autoras.

Copyright da edição © 2020 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons: Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - CC BY-NC (CC BY-NC-ND). Os termos desta licença estão disponíveis em: <<https://creativecommons.org/licenses/>>. Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural. O conteúdo publicado é de inteira responsabilidade dos autores, não representando a posição oficial da Pimenta Cultural.

CONSELHO EDITORIAL CIENTÍFICO

Doutores e Doutoras

Airton Carlos Batistela
Universidade Católica do Paraná, Brasil
Alaim Souza Neto
Universidade do Estado de Santa Catarina, Brasil
Alessandra Regina Müller Germani
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil
Alexandre Antonio Timbane
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil
Alexandre Silva Santos Filho
Universidade Federal de Goiás, Brasil
Aline Daiane Nunes Mascarenhas
Universidade Estadual da Bahia, Brasil
Aline Pires de Moraes
Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil
Aline Wendpap Nunes de Siqueira
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil
Ana Carolina Machado Ferrari
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil
Andre Luiz Alvarenga de Souza
Emill Brunner World University, Estados Unidos
Andreza Regina Lopes da Silva
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Antonio Henrique Coutelo de Moraes
Universidade Católica de Pernambuco, Brasil
Arthur Vianna Ferreira
Universidade Católica de São Paulo, Brasil
Bárbara Amaral da Silva
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil
Beatriz Braga Bezerra
Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil
Bernadéte Beber
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Breno de Oliveira Ferreira
Universidade Federal do Amazonas, Brasil
Carla Wanessa Caffagni
Universidade de São Paulo, Brasil
Carlos Adriano Martins
Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil
Caroline Chioqueta Lorenset
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Cláudia Samuel Kessler
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Daniel Nascimento e Silva
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Daniela Susana Segre Guertzenstein
Universidade de São Paulo, Brasil
Danielle Aparecida Nascimento dos Santos
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil
Delton Aparecido Felipe
Universidade Estadual de Maringá, Brasil
Dorama de Miranda Carvalho
Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil
Doris Roncareli
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Elena Maria Mallmann
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil
Emanoel Cesar Pires Assis
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Erika Viviane Costa Vieira
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Brasil
Everly Pegoraro
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Fábio Santos de Andrade
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Fauston Negreiros
Universidade Federal do Ceará, Brasil
Fernando Barcellos Razuck
Universidade de Brasília, Brasil
Francisca de Assiz Carvalho
Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil
Gabriela da Cunha Barbosa Saldanha
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil
Gabrielle da Silva Forster
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil
Guilherme do Val Toledo Prado
Universidade Estadual de Campinas, Brasil
Hebert Elias Lobo Sosa
Universidad de Los Andes, Venezuela
Helciclever Barros da Silva Vitoriano
Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, Brasil
Helen de Oliveira Faria
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil
Heloisa Candello
IBM e University of Brighton, Inglaterra
Heloisa Juncklaus Preis Moraes
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil
Ismael Montero Fernández,
Universidade Federal de Roraima, Brasil
Jeronimo Becker Flores
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil
Jorge Eschriqui Vieira Pinto
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil
Jorge Luís de Oliveira Pinto Filho
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil
José Luís Giovanoni Fornos Pontifícia
Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil
Josué Antunes de Macêdo
Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil
Júlia Carolina da Costa Santos
Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil
Julia Lourenço Costa
Universidade de São Paulo, Brasil
Juliana de Oliveira Vicentini
Universidade de São Paulo, Brasil
Juliana Tiburcio Silveira-Fossaluzza
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil
Julierme Sebastião Morais Souza
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil
Karlla Christine Araújo Souza
Universidade Federal da Paraíba, Brasil
Laionel Vieira da Silva
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Leandro Fabricio Campelo
Universidade de São Paulo, Brasil
Leonardo Jose Leite da Rocha Vaz
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Leonardo Pinhairo Mozdzenski
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil
Lidia Oliveira
Universidade de Aveiro, Portugal
Luan Gomes dos Santos de Oliveira
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil
Luciano Carlos Mendes Freitas Filho
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Lucila Romano Tragtenberg
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil
Lucimara Rett
Universidade Metodista de São Paulo, Brasil
Marceli Cherchiglia Aquino
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil
Marcia Raika Silva Lima
Universidade Federal do Piauí, Brasil
Marcos Uzel Pereira da Silva
Universidade Federal da Bahia, Brasil
Marcus Fernando da Silva Praxedes
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Brasil
Margareth de Souza Freitas Thomopoulos
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil
Maria Angelica Penatti Pipitone
Universidade Estadual de Campinas, Brasil
Maria Cristina Giorgi
Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Brasil
Maria de Fátima Scaffo
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Maria Isabel Imbronto
Universidade de São Paulo, Brasil
Maria Luzia da Silva Santana
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil
Maria Sandra Montenegro Silva Leão
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil
Michele Marcelo Silva Bortolai
Universidade de São Paulo, Brasil
Miguel Rodrigues Netto
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil
Neli Maria Mengalli
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil
Patrícia Bieging
Universidade de São Paulo, Brasil
Patrícia Helena dos Santos Carneiro
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Patrícia Oliveira

Universidade de Aveiro, Portugal

Patrícia Mara de Carvalho Costa Leite

Universidade Federal de São João del-Rei, Brasil

Paulo Augusto Tamanini

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Priscilla Stuart da Silva

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Radamés Mesquita Rogério

Universidade Federal do Ceará, Brasil

Ramofly Bicalho Dos Santos

Universidade de Campinas, Brasil

Ramon Taniguchi Piretti Brandao

Universidade Federal de Goiás, Brasil

Rarielle Rodrigues Lima

Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Raul Inácio Busarello

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Renatto Cesar Marcondes

Universidade de São Paulo, Brasil

Ricardo Luiz de Bittencourt

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Rita Oliveira

Universidade de Aveiro, Portugal

Robson Teles Gomes

Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Rodiney Marcelo Braga dos Santos

Universidade Federal de Roraima, Brasil

Rodrigo Amancio de Assis

Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Rodrigo Sarruge Molina

Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Rosane de Fátima Antunes Obregon

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Sebastião Silva Soares

Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Simone Alves de Carvalho

Universidade de São Paulo, Brasil

Stela Maris Vaucher Farias

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Tadeu João Ribeiro Baptista

Universidade Federal de Goiás, Brasil

Tania Micheline Miorando

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tarcísio Vanzin

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Thiago Barbosa Soares

Universidade Federal de São Carlos, Brasil

Thiago Camargo Iwamoto

Universidade de Brasília, Brasil

Thyana Farias Galvão

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Valdir Lamim Guedes Junior

Universidade de São Paulo, Brasil

Valeska Maria Fortes de Oliveira

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Vanessa Elisabete Raué Rodrigues

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Vania Ribas Ulbricht

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Wagner Corsino Enedino

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Wanderson Souza Rabello

Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Washington Sales do Monte

Universidade Federal de Sergipe, Brasil

Wellington Furtado Ramos

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

PARECERISTAS E REVISORES(AS) POR PARES

Avaliadores e avaliadoras Ad-Hoc

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Adilson Cristiano Habowski
Universidade La Salle - Canoas, Brasil

Adriana Flavia Neu
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil
Aguimario Pimentel Silva
Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Alessandra Dale Giacomin Terra
Universidade Federal Fluminense, Brasil

Alessandra Figueiró Thornton
Universidade Luterana do Brasil, Brasil

Alessandro Pinto Ribeiro
Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil
Alexandre João Appio
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Aline Corso
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil
Aline Marques Marino
Centro Universitário Salesiano de São Paulo, Brasil
Aline Patricia Campos de Tolentino Lima
Centro Universitário Moura Lacerda, Brasil
Ana Emilia Sousa Rocha
Universidade do Estado da Bahia, Brasil
Ana Iara Silva Deus
Universidade de Passo Fundo, Brasil
Ana Julia Bonzanini Bernardi
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Ana Rosa Gonçalves De Paula Guimarães
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil
André Gobbo
Universidade Federal da Paraíba, Brasil
Andressa Antonio de Oliveira
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil
Andressa Wiebusch
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil
Angela Maria Farah
Universidade de São Paulo, Brasil
Anísio Batista Pereira
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil
Anne Karynne da Silva Barbosa
Universidade Federal do Maranhão, Brasil
Antônia de Jesus Alves dos Santos
Universidade Federal da Bahia, Brasil
Antonio Edson Alves da Silva
Universidade Estadual do Ceará, Brasil
Ariane Maria Peronio Maria Fortes
Universidade de Passo Fundo, Brasil
Ary Albuquerque Cavalcanti Junior
Universidade do Estado da Bahia, Brasil
Bianca Gabriely Ferreira Silva
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil
Bianka de Abreu Severo
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil
Bruna Carolina de Lima Siqueira dos Santos
Universidade do Vale do Itajai, Brasil
Bruna Donato Reche
Universidade Estadual de Londrina, Brasil
Bruno Rafael Silva Nogueira Barbosa
Universidade Federal da Paraíba, Brasil
Camila Amaral Pereira
Universidade Estadual de Campinas, Brasil
Carlos Eduardo Damian Leite
Universidade de São Paulo, Brasil

Carlos Jordan Lapa Alves
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil
Carolina Fontana da Silva
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil
Carolina Fragozo Gonçalves
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil
Cássio Michel dos Santos Camargo
Universidade Federal do Rio Grande do Sul-Faced, Brasil
Cecília Machado Henriques
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil
Cíntia Morales Camillo
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil
Claudia Dourado de Salces
Universidade Estadual de Campinas, Brasil
Cleonice de Fátima Martins
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil
Cristiane Silva Fontes
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil
Cristiano das Neves Vilela
Universidade Federal de Sergipe, Brasil
Danielle Cristine Rodrigues
Universidade de São Paulo, Brasil
Daniella de Jesus Lima
Universidade Tiradentes, Brasil
Dayara Rosa Silva Vieira
Universidade Federal de Goiás, Brasil
Dayse Rodrigues dos Santos
Universidade Federal de Goiás, Brasil
Dayse Sampaio Lopes Borges
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil
Deborah Susane Sampaio Sousa Lima
Universidade Tuiuti do Paraná, Brasil
Diego Pizarro
Instituto Federal de Brasília, Brasil
Diogo Luiz Lima Augusto
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil
Ederson Silveira
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Elaine Santana de Souza
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil
Eleonora das Neves Simões
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Elias Theodoro Mateus
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil
Elisiene Borges Leal
Universidade Federal do Piauí, Brasil
Elizabete de Paula Pacheco
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Elizânia Sousa do Nascimento
Universidade Federal do Piauí, Brasil
Elton Simomukay
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil
Elvira Rodrigues de Santana
Universidade Federal da Bahia, Brasil
Emanuella Silveira Vasconcelos
Universidade Estadual de Roraima, Brasil
Érika Catarina de Melo Alves
Universidade Federal da Paraíba, Brasil
Everton Boff
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil
Fabiana Aparecida Vilaça
Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil
Fabiano Antonio Melo
Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Fabrícia Lopes Pinheiro
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Fabrício Nascimento da Cruz
Universidade Federal da Bahia, Brasil
Francisco Geová Gouveia Silva Júnior
Universidade Potiguar, Brasil
Francisco Isaac Dantas de Oliveira
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil
Francisco Jeimes de Oliveira Paiva
Universidade Estadual do Ceará, Brasil
Gabriella Eldereti Machado
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil
Gean Breda Queiros
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil
Germano Ehler Pollnow
Universidade Federal de Pelotas, Brasil
Glaucio Martins da Silva Bandeira
Universidade Federal Fluminense, Brasil
Graciele Martins Lourenço
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil
Handherson Leylton Costa Damasceno
Universidade Federal da Bahia, Brasil
Helena Azevedo Paulo de Almeida
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil
Heliton Diego Lau
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil
Hendy Barbosa Santos
Faculdade de Artes do Paraná, Brasil
Inara Antunes Vieira Willerding
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Ivan Farias Barreto
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Jacqueline de Castro Rimá
Universidade Federal da Paraíba, Brasil
Jeanne Carla Oliveira de Melo
Universidade Federal do Maranhão, Brasil
João Eudes Portela de Sousa
Universidade Tuiuti do Paraná, Brasil
João Henrques de Sousa Junior
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil
Joelson Alves Onofre
Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil
Juliana da Silva Paiva
Universidade Federal da Paraíba, Brasil
Junior César Ferreira de Castro
Universidade Federal de Goiás, Brasil
Lais Braga Costa
Universidade de Cruz Alta, Brasil
Leia Mayer Eyn
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Manoel Augusto Polastreli Barbosa
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil
Marcio Bernardino Sirino
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Marcos dos Reis Batista
Universidade Federal do Pará, Brasil
Maria Edith Maroca de Avelar Rivelli de Oliveira
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil
Michele de Oliveira Sampaio
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil
Miriam Leite Farias
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil
Natália de Borba Pugens
Universidade La Salle, Brasil
Patrícia Flávia Mota
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Raick de Jesus Souza
Fundação Oswaldo Cruz, Brasil
Railson Pereira Souza
Universidade Federal do Piauí, Brasil
Rogério Rauber
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil
Samuel André Pompeo
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil
Simoni Urnau Bonfiglio
Universidade Federal da Paraíba, Brasil
Tayson Ribeiro Teles
Universidade Federal do Acre, Brasil
Valdemar Valente Júnior
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Wallace da Silva Mello

Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Wellton da Silva de Fátima

Universidade Federal Fluminense, Brasil

Weyber Rodrigues de Souza

Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Brasil

Wilder Kleber Fernandes de Santana

Universidade Federal da Paraíba, Brasil

PARECER E REVISÃO POR PARES

Os textos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação do Conselho Editorial da Pimenta Cultural, bem como revisados por pares, sendo indicados para a publicação.

Direção editorial Patricia Bieging
Raul Inácio Busarello
Diretor de sistemas Marcelo Eymg
Diretor de criação Raul Inácio Busarello
Assistente de arte Ligia Andrade Machado
Imagens da capa Wavebreakmedia, Pressfoto, Jcomp, Black.salmon, Rawpixel.com, Toystoryss, Freeograph, Prasannapix, Sewcream, Prostooleh, Nastyafly, Torwaiaphoto, Disobeyart, Klingsup, Marysan2000 - Freepik.com
Editora executiva Patricia Bieging
Assistente editorial Peter Valmorbida
Revisão Os organizadores
Organizadores Monica Fantin
José Douglas Alves dos Santos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C322 Cartas às crianças do futuro: narrativas sobre a pandemia Covid-19. Monica Fantin, José Douglas Alves dos Santos - organizadores. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020. 176p..

Inclui bibliografia.
ISBN: 978-65-5939-007-6 (eBook)

1. Criança. 2. Infância. 3. Pandemia. 4. Covid-19.
5. Narrativa. 6. Pedagogia. I. Fantin, Monica. II. Santos, José Douglas Alves dos. III. Título.

CDU: 37
CDD: 370

DOI: 10.31560/pimentacultural/2020.076

PIMENTA CULTURAL

São Paulo - SP
Telefone: +55 (11) 96766 2200
livro@pimentacultural.com
www.pimentacultural.com

SUMÁRIO

Apresentação.....	11
Monica Fantin	
Tainá Torres Mesquita.....	21
Tatiana Maria Alexandre.....	24
Emanuela de Freitas.....	27
Yasmin Pires Roese.....	30
Elizabeth de Souza Neckel.....	33
Maryana Luiz Damim.....	35
Allana Krug de Albuquerque Ferreira.....	37
Eduarda de Souza	40
Liziane Souza Simplicio.....	42
Ana Carolina Koerich.....	44
Nicholy Andrade de Aguiar.....	48
Amanda Ribeiro Lima	51
Thayane Karina Ferreira.....	54
Marcia Eduarda Garcez Issac.....	57
Dâmaris Luiza Viana	67
Larissa Peres de Matos.....	70
André Luiz Umeki Machado.....	72
Eloisa Hillesheim Kuhn.....	74
Sandra Guesser.....	78
Michele Klann.....	80
Ohana Heinen Freire.....	83
Juliana da Silva Koerich.....	86
Constância de Oliveira e Oliveira	88
Aline Cristina Barboza Neves.....	90
Mariana Aguiar Sanchez	93
Ana Beatriz Arantes Carvalho.....	95
Bruna Vitória de Souza.....	98
Tatiana Xavier da Silva.....	103

Larissa da Silva Machado.....	105
Andressa Neves Lourenço.....	106
Wallace Belizário Almeida dos Santos.....	108
Darlei Alves Paes.....	113
Ana Júlia Alves Chaves.....	116
Emanoelle Karolline Assunção.....	119
Sabrina Edna Sacco.....	121
Beatriz Galliani Marcelino.....	123
Irraela Vitoria Honorato Ribeiro.....	124
Andressa Marques Prestes.....	126
Gabriela Angélico Resende.....	128
Jayziela Jéssica Fuck.....	130
Larissa dos Santos Cunha.....	134
Camila da Silveira.....	135
Raquel Natividade da Costa.....	136
Yasmin Pamplona Krautz.....	138
Victória Regina Velho.....	139
Sônia da Silva Vinhote Ferreira.....	141
Rafael da Silva.....	143
Nina Dias da Cruz.....	145
Paulo Cesar Linhares Ghisleri.....	149
Marcela da Luz Lesuk.....	151
Michelle Fernanda da Silva Mendes.....	153
Tainá Patrícia Holtz.....	155
Elisa Maria Machado Lima.....	156
Letícia Bonetti Zanini.....	159
Natália Martins Costa.....	160
Mariah de Moraes Lima Vieira.....	162
 Cartas para depois da pandemia.....	165
José Douglas Alves dos Santos	
 Sobre os organizadores.....	172
Notas de fim.....	174

APRESENTAÇÃO

Qual o lugar das cartas em nossas vidas?

Desde criança eu gostava de escrever cartas para me comunicar. Inicialmente com irmãos e primos, e depois também com meus pais e amigos. Era uma alegria compartilhar um tempo de infância escrito e desenhado com curiosidade e também de saber novidades de outras pessoas, experiências e lugares. Ir ao correio era uma atividade corriqueira na vida de uma cidade do interior, mas receber e abrir as cartas respondidas era uma emoção sem igual. Aos poucos essa prática foi sendo substituída por conversas ao telefone, celular, e-mails e outras mensagens por aplicativos digitais.

Durante a graduação, entrei em contato com outras cartas: *Cartas a uma professora*, de Don Milani¹ e *Cartas a quem ousa ensinar*, de Paulo Freire², que tratavam de outros modelos de experiências educativas. Algum tempo depois, conheci *Cartas a um jovem poeta*, de Rainer Maria Rilke³, *Cartas de Simone de Beauvoir a Jean Paul Sartre*⁴, *Carta aberta a Freud*, de Lou-Andreas Salome⁵. E mais recentemente, *Querido mundo, como vai você?*, de Toby Little⁶.

SUMÁRIO

Quando penso nestas e tantas outras cartas trocadas e posteriormente publicadas, me pergunto: como serão recuperadas as correspondências que pesquisadores, escritores, artistas e tantos outros que trocam mensagens as mais diversas em seus smartphones, tablets, laptops e outros dispositivos? Nessa era em que a infosfera transforma o mundo e que os artefatos tecnológicos já surgem com uma obsolescência programada, em que tantas plataformas de relacionamento propiciam múltiplas interações e o controle dos dados, as políticas sobre vigilância e a liberdade vigiada estão cada vez mais presentes, terão essas mensagens algum relevo no futuro, como tiveram as cartas em um passado não tão distante assim?

De qualquer forma, continuo gostando de cartas. E foi inspirada na ideia da correspondência escolar proposta por Celestin Freinet⁷, ainda nos anos 1930, que as inclui como atividade didática e estratégia pedagógica de avaliação complementar em minhas aulas. Como exemplo, em uma disciplina que ministrei no curso de pedagogia há alguns anos em que a proposta era mais ou menos assim: as estudantes deveriam escrever uma carta contando para a turma do próximo semestre o que trabalhamos e o que aprenderam na disciplina. A carta também seria entregue à outra turma no semestre seguinte. Com tal atividade, foi

possível não apenas avaliar o que as estudantes haviam aprendido e considerado mais significativo, mas também como narravam sua experiência. A proposta foi muito bem aceita, tanto para quem escreveu, como para quem as recebeu. Outras propostas didáticas com uso de cartas também funcionaram como expressão de um momento difícil e até mesmo uma tentativa de explicar como determinada situação estava sendo percebida, a exemplo do período após os resultados da eleição presidencial em 2018, como possibilidade de deixar registrado aquele sentimento e como memória, talvez um recado ou uma mensagem para alguém que no futuro pudesse se perguntar "Como isso aconteceu?".

No retorno às aulas da graduação por ensino remoto, no início de setembro 2020, depois de 5 meses sem aulas devido a pandemia de Covid-19, pensei que alguma atividade com cartas poderia ser uma proposta interessante nessa retomada. Então, no primeiro dia de aula remota síncrona⁸, após conversarmos sobre como foi a experiência de "isolamento/distanciamento físico" [social/espacial] e do papel da educação neste contexto de pandemia, sugeri a proposta de escrita de uma carta em que os/as estudantes pudessem expressar seus sentimentos, contando sobre este momento histórico e levando em consideração a quem a carta seria destinada/endereçada: a uma criança (qualquer uma, real/imaginada, familiar ou não a eles/as). Assim *Cartas às*

crianças do futuro: narrativas sobre a pandemia Covid-19 também pode ser entendida a partir da metáfora da "mensagem na garrafa", em que os/as estudantes poderiam não apenas descrever seus sentimentos, suas percepções e suas interpretações da realidade, mas também deixar uma mensagem outra às crianças de hoje e quem sabe, de um tempo que virá.

Proposta lançada e acolhida em duas disciplinas e três turmas do curso de Pedagogia: *Educação e Infância II* (estudantes da segunda fase) e *Cinema, Infância e Educação* (estudantes multifases). No momento da leitura das cartas, embora o argumento fosse o mesmo, me deparei com a riqueza na diversidade de autoria, nos olhares, nas palavras escolhidas, nos estilos de escrita, nas imagens, e também com a presença de certos personagens reais e fictícios. O que me fez pensar e imaginar como seria se algumas das crianças a quem aquelas palavras estavam endereçadas pudessem de fato ler tais cartas. E mais: por que não compartilhar tais cartas com outras pessoas também?

E assim surgiu a ideia deste livro.

Num contexto atravessado pela pandemia, uma atividade didática realizada com estudantes de licenciatura se configura como possibilidade de interlocução com crianças reais e/ou imaginadas, mas

também pode significar reconhecimento e valorização das produções discentes. E num semestre tão atípico, com tantas excepcionalidades, esta poderia ser apenas mais uma. Por que não?

Instigada por uma reflexão sobre a escola em tempos de Covid-19 - em que o professor italiano Pier Cesare Rivoltella⁹ nos convida a reorganizar nossas propostas didáticas a partir quatro palavras-chave: planejamento, linguagens, relação com estudantes e avaliação -, tal atividade se configurou de outra forma. Assim, na devolutiva das cartas, compartilhei essa ideia de organizar uma possível publicação com as/os estudantes e com Douglas - doutorando que acompanhava uma das turmas e que organiza este livro comigo -, para minha surpresa, a receptividade foi muito boa. Combinamos que não iríamos fazer uma revisão mais estrita, no sentido de refazer os textos enviados, pois as cartas seriam o registro daquele momento muito singular a partir do olhar de cada estudante. Além disso, tal proposta tem um sentido não apenas simbólico, mas também ou sobretudo pedagógico, de ressaltar o quanto uma "mera tarefa" feita de palavras, ideias e imaginários pode criar asas, compor outros sentidos e ganhar o mundo... Chegando a mãos, lugares, tempos, pessoas diversas.

Para além do registro das experiências e percepções de viver um tempo de pandemia, e tudo que isso implica - medo, insegurança, distanciamento físico/social/espacial, restrições e faltas de perspectivas -, a possibilidade da esperança está presente de diferentes formas. As narrativas sobre o novo coronavírus sinalizavam diversas percepções, mas também alguns sentimentos semelhantes em relação à importância da vida, da escola, de familiares e amigos, do contato com a natureza, dos encontros, dos abraços e de manifestar nossos afetos. Assim, em cada carta, em cada mensagem, é possível praticar e imaginar o verbo esperançar, como ainda nos lembra Paulo Freire¹⁰.

Muitas reflexões, análises e pesquisas sobre a pandemia e suas implicações estão sendo feitas. Imersos neste contexto, ainda não temos o distanciamento temporal necessário à reflexão para avaliar todas as repercussões e implicações diante do visível aumento da desigualdade social, ainda mais diante das consequências das posturas negacionistas. No entanto, concordamos com alguns argumentos do sociólogo português Boaventura de Sousa Santos e sua *Cruel Pedagogia do Vírus*¹¹, quando reflete sobre a pandemia a partir de aspectos como: *a normalidade da exceção, a elasticidade do social, a fragilidade do humano, os fins não justificam os meios, a guerra de que é feita a paz, a sociologia das ausências*.

Também nos toca o argumento de Mia Couto quando se refere à reflexão coletiva como o legado da pandemia do novo coronavírus à sociedade. Para o biólogo e escritor moçambicano, a pós-pandemia necessita a aceitação da fragilidade humana e o reconhecimento de que um vírus foi capaz de parar momentânea e simultaneamente a civilização. E nos lembra: "Nós sempre nos colocamos como o grande motor e não somos. E foi um pequeno vírus quem fez esse alerta. O grande motor não são vocês. Somos apenas mais um nessa orquestra¹²".

No âmbito educativo, as experiências de ensino remoto nos mais diferentes níveis de ensino demonstram a complexidade de situações que oscilam entre enormes dificuldades de acesso e conexão às tecnologias digitais, seus artefatos, dispositivos e aplicativos e experiências de superação e boas práticas entre professores, estudantes e familiares. Tudo isso convivendo com excesso e sobrecarga de trabalho, com impaciência de crianças, jovens, adultos, pais, mães, professores, mas também com certa dose de tempo livre para um desejável "*dolce far niente*", para leituras, filmes, séries, *lives* e outros. E aliado às mais diversas atitudes e buscas de respostas racionais, emocionais, lúdicas, espirituais para tentar manter-se saudável - pelo menos momentaneamente - num mundo que em alguns aspectos parece ter mudado definitivamente.

E agora, outubro de 2020, enquanto ainda vivemos a pandemia no país, com alguns indícios de desaceleração no número de casos e de mortes, outros países que já haviam passado pela pandemia e estavam se adaptando ao "novo normal" parecem estar vivendo o que tem sido chamado de uma "nova onda". Nesse quadro, antes-durante-depois, escolas fechadas que ensaiam retorno e reabertura presencial - que não exclui novas quarentenas -, também evidenciam e explicitam as "carências", as deficiências e os desafios do sistema educativo.

Sabemos que os inúmeros esforços para viabilizar o "ensino remoto" e não desamparar ainda mais estudantes e familiares são insuficientes para a desejável qualidade de educação às crianças e jovens diante da imensa desigualdade social e digital. Mas ao mesmo tempo em que é necessário denunciar, é fundamental enunciar e viabilizar outros modos do agir pedagógico. Assim, concordamos com o professor e ativista Nelson Pretto, quando menciona o perigo do retorno das escolas diante das condições atuais e defende ser "necessário que se aperfeiçoe e intensifique o que está sendo feito para que se amplie o acolhimento daqueles estudantes que estão fora da escola¹³".

E assim, entre crenças, apostas, dúvidas e resistências, docentes e diversos profissionais debatem sobre o presente-futuro do ensino, da educação e sobre a função e o papel da escola. Escola é um espaço de conhecimento, de socialização, de interação, de criação, de brincadeiras, de troca de afetos simbólicos e corporais que não combinam com certos cuidados para conter a pandemia. Além disso, para que escola queremos retornar? Queremos voltar para a mesma escola de antes? Queremos discutir e construir outras possibilidades, incorporando boas práticas e algumas mudanças significativas desse tempo de distanciamento? Ainda não sabemos.

Se é compreensível que o novo provoque medo, ainda mais num contexto em que a emergência sanitária/viral e também ambiental deixou as certezas do mundo de hoje/amanhã em suspensão, o novo também traz a possibilidade de recriar, refazer, reconstruir, reinventar. E foi/é com essa aposta que compartilhamos as cartas de estudantes do curso de Pedagogia endereçadas às crianças do futuro/de um tempo que virá...

Boa leitura!

Monica Fantin
Florianópolis, SC. Outubro 2020.

Cartas

Santos/SP, 09 de setembro de 2020

Querida criança de algum futuro que não sei qual,

A gente não se conhece, mas minha missão aqui é te contar um pouco sobre o que está acontecendo nesse tempo tão complicado em que estou vivendo, o ano de 2020. Eu sou pedagoga em formação e estou escrevendo essa carta para uma matéria da universidade.

No fim de 2019, o noticiário do mundo dizia sobre um vírus novo que tinha aparecido na China. E eu pensava, "Poxa, isso é uma pena, espero que fique tudo bem por lá logo, mas não deve chegar no Brasil". E pra mim 2020 começou bonito, alegre, cheio de energia boa, parecia tanto que seria um ano especial. E o noticiário do mundo seguiu dizendo sobre o novo vírus, cada vez geograficamente mais perto, Itália, Espanha, Estados Unidos, então começou um alerta em relação aos aeroportos e quem chegava aqui, até que depois do carnaval apareceu: registraram o primeiro caso de coronavírus no Brasil. Foi um susto, ninguém entendia muito bem como lidar com isso, a gente tem um Presidente da República extremamente negligente e genocida que reforça uma ideia de que não é "nada demais" - estamos sem Ministro da Saúde, por exemplo. As escolas e universidades e os comércios fecharam e

SUMÁRIO

todo trabalhador que teve o direito garantido de fazer quarentena assim o fez, já se passaram 6 meses. As saídas de casa eram só para o mercado e farmácia, mas muitas questões de acesso aos estabelecimentos comerciais já foram flexibilizadas.

Agora sempre usamos um acessório para sair na rua: máscaras, às vezes descartáveis e às vezes de pano, elas cobrem a boca e o nariz, li em algum lugar que usando-as e mantendo distância de outras pessoas conseguimos evitar em muito as chances de contágio. A universidade retomou as atividades via internet, algumas escolas também. É tão esquisito ter de se proteger de algo que a gente não consegue nem mesmo ver. Os noticiários de agora nos dizem sobre os mais de 100 mil mortos pelo vírus no nosso país e sobre a ciência do mundo inteiro tentando elaborar uma vacina eficaz pra que a gente volte a viver em paz.

Eu desejo que no teu tempo, que não sei exatamente quando, a gente esteja vivendo um momento mais acolhedor enquanto sociedade. Com vacina, com bons governantes, com política para o povo. Queria que o cenário fosse outro pra eu te contar sobre coisas boas, mas tudo bem, lidar com a realidade é bastante importante para que possamos caminhar para transformá-la. Espero do fundo do meu coração que por aí esteja tudo bem, que tenhas

SUMÁRIO



uma família amorosa e amigos incríveis, são eles que, em tempos difíceis ou gostosos, nos acompanham.

Abraços,
Futura profe Tainá

SUMÁRIO

Florianópolis/SC, 06 de setembro de 2020

Queridas Crianças!

Como vocês estão? Espero que bem!

Hoje eu escrevo para falar um pouco sobre o momento crítico que todos passaram durante a pandemia da Covid-19 em 2020, tempos difíceis. A pandemia trouxe muitas perdas, não só de entes queridos, mas perda de muitas das certezas que tínhamos, nunca em nossas mentes foi imaginado uma situação como está, em total isolamento. Quem diria que o convívio com os outros nos faria tanta falta, que um abraço de "boas vindas" fosse tão desejado, que um olhar de cumplicidade faria tanta diferença, que um simples aceno com a cabeça fosse nos deixar com saudades; nós perdemos pessoas importantes e perdemos nosso jeito de ser alguém nesse mundo, a nossa forma de viver mudou de um dia para o outro e nós tivemos que aprender e sobreviver da melhor forma possível.

Pensar nisso tudo já é complicado, certo? Pensar numa nova forma de se relacionar, de trabalhar, numa nova forma de viver, mas além disso nós estávamos preocupados em como iríamos garantir que todos tivessem alimentação, moradia e saúde, sabendo que a falta de emprego já era

SUMÁRIO

um problema no nosso país, com a pandemia tudo isso foi ainda maior e a incerteza era nossa maior companhia.

Nós esperávamos que o nosso país cuidasse do povo, dando apoio e incentivo ao nosso isolamento, para que todos passassem por isso da melhor forma possível, em segurança. O que tivemos foram meses de disputas políticas, abandono e muita pressão para manter a economia do Brasil a salvo e para isso era necessário que as pessoas saíssem de suas casas para trabalhar, arriscando suas vidas. O Brasil foi o terceiro país onde mais aconteceu mortes pela Covid-19, indo contra todos os estudos científicos sobre o isolamento e o uso de máscara. Tivemos um presidente que incentivava a abertura das ruas e diminuía a importância do uso de máscaras, além de incentivar o uso de remédios que não funcionavam contra o vírus. Esse era o momento em que todos esperavam um presidente que representasse e que defendesse a vida do povo, mas o que tivemos foi um bom exemplo do que não fazer em tempos de isolamento.

E porque venho falar isso para você, criança, que ainda nem pode votar? Porque quando eu era criança não sabia a importância que o voto tinha, comecei a votar aos 16 anos e ainda não sabia a real importância da política para um país. Nosso voto representa o que queremos para

SUMÁRIO

nós e para todos do país, o voto elege um presidente que representa o povo brasileiro e toda sua diversidade. Para que você, criança, chegue na idade de votar e tenha ciência de toda a importância de um presidente para um país eu peço que não se ausente dessa discussão, seja curiosa, queira saber mais sobre, pergunte aos pais, responsáveis e professores, quanto mais opiniões vocês tiverem mais fundamentos terão sobre o assunto e mais conscientes do ato político ficarão.

Nós passamos por um período triste e desolador, mas a única pergunta que fica é: quantas mortes teriam sido evitadas se tivéssemos outro presidente?

Beijos e abraços.

Prof^a Dra. Tatiana Maria Alexandre

Florianópolis/SC, 07 de setembro de 2020

O ano de 2020 foi bem diferente de todos os outros anos.... Desde o começo do mês de março, passamos por uma pandemia mundial. Um bichinho chamado Covid-19, veio lá de longe, muita gente acha que lá da China para o Brasil, o país em que moramos. Mas não foi só para o Brasil que ele veio. Muitos outros países estão sofrendo também. A Covid-19 deixa as pessoas muito doentes, algumas pessoas sentiam dor no corpo, outras tinham febre, ou tosse, cada pessoa sentia uma coisa diferente e ainda tinham pessoas que não sentiam nada.

Muitas pessoas começaram a adoecer, por conta disso o governo pediu para que as pessoas ficassem em casa, sem sair, pois era muito perigoso sair na rua. A Covid-19 ficava no ar que respiramos. Mas se não podíamos sair, como comprávamos comida, ou íamos no médico? As pessoas podiam sair de casa somente em casos de necessidade, como por exemplo: para comprar comida, ir à farmácia, ir ao médico. Só podíamos ir para estes lugares, mas sempre que saímos de casa era preciso usar máscara e passar álcool em gel nas mãos.

Todos os outros lugares fecharam, como, escolas, shoppings, praças, teatros, praias, entre outros. Caso

SUMÁRIO

alguém tentasse entrar nesses locais, a polícia brigava e pedia para voltar para a casa. Precisávamos sempre assistir televisão para saber se as pessoas já estavam parando de ficar doentes e se já podíamos sair de casa. Mas as notícias nunca eram boas. O número de pessoas doentes, por conta da Covid-19, só aumentava.

As escolas então começaram a fazer reuniões para saber como os estudantes teriam aula já que não podiam sair de casa. Tiveram a ideia então de as aulas acontecerem pelo computador. Sabem como? O professor ligava para todos os alunos lá pelo computador e explicava a matéria para os alunos. Mas não foram só os estudantes que usaram o computador para as aulas. As pessoas utilizavam o computador para trabalhar, para fazer compras, para poder conversar com os amigos. O computador e o celular começaram a ser o equipamento mais utilizado no ano de 2020.

E quem não tinha computador nem celular? Como fazia com a aula? Ou como trabalhava? As escolas e as universidades emprestaram computadores para quem não tinha computador em casa, ou então os professores preparavam atividades e os estudantes buscavam estas atividades nas escolas, sempre usando máscara e passando álcool em gel nas mãos. O governo também ajudou algumas pessoas dando um pouco de dinheiro.

Porém, diante de tudo isso, algumas pessoas não acreditavam que fosse verdade, achavam que a Covid-19 não era ruim e que não fazia nada de ruim para a nossa vida. Estas pessoas faziam festas, andavam sem máscara na rua, saíam de casa, elas não respeitavam o que o governo havia pedido.

O que acontecia com quem não respeitava o fato de que não podia sair de casa? Quem não respeitava precisava pagar uma multa, pois estavam desrespeitando as medidas que o governo havia imposto.

Até o dia de hoje, 07 de setembro de 2020, nenhuma vacina ou remédio tinha sido criado para combater a Covid-19, ou seja, os médicos ainda não conseguiram achar um remédio para as pessoas pararem de adoecer. O mundo todo está ansioso por uma vacina, todos querem poder sair de casa e encontrar seus amigos.

Emanuela

Florianópolis, 09 de setembro de 2020

Olá! Como vocês estão?

Estou escrevendo de um dia entre tantos que estamos cada um em suas casas. Justamente sobre isso que eu queria conversar com vocês. Estar em casa sempre foi algo que desejamos tanto em meio à correria do dia a dia, em que não tínhamos tempo para nada além do trabalho e faculdade, mas estar em casa quando somos obrigados é uma sensação diferente.

Estamos em casa porque vivenciamos um período de pandemia. Isso acontece porque estamos lidando com um vírus chamado Covid-19, que não sabemos muito bem como controlar, mas sabemos que tem causado grandes estragos pelo mundo, deixado muitas pessoas doentes e outras nem estão mais aqui entre nós.

Durante essa pandemia só nos foi permitido, durante uns três meses, sair para atividades essenciais como ir ao mercado e farmácia. Agora, aos pouquinhos, as coisas estão reabrindo, mas ainda é necessário tomarmos um cuidado extremo. Só podemos sair de máscara e temos que utilizar sempre que possível álcool em gel, além disso, temos que manter distância mínima entre as pessoas.

SUMÁRIO

Falando em distância, como a gente sente saudade de pequenas coisas que antes não dávamos valor. Saudade de ver nossos parentes, amigos, de abraçá-los. Saudade de conseguir estar na faculdade, ter momentos de lazer, ir à praia. Esse momento que estamos vivenciando agora nos fez perceber quanta coisa que achávamos que eram detalhes e na verdade são especiais demais.

Hoje estamos fazendo tudo pelo computador e é meio doido pensar nisso. Estamos tendo aula à distância sendo que nem todos conseguem ter acesso a essa tecnologia, isso é triste demais e em muitos momentos não consigo enxergar isso como algo que faça sentido. Em outros momentos vejo como essa tecnologia - para quem tem conseguido ter esse acesso - tem quebrado barreiras, têm feito a gente matar essa saudade que havia comentado anteriormente, de alguns momentos e pessoas que estão a quilômetros de distância da gente.

Espero que hoje, quando estiver lendo essa carta, você esteja bem e possa entender o quanto importante é valorizar os pequenos momentos. Se estiver com seus colegas, sua família ou amigos diga a eles o valor que eles têm. Se você estiver sozinho aprecie a natureza, olhe em sua volta e veja quanta coisa linda existe. Valorize os detalhes e as pequenas coisas, quando nos vemos obrigados



a certas coisas, entendemos outras. Hoje consigo perceber que tudo acontece por algum motivo, talvez estivéssemos precisando aprender, entender o valor e o significado de algumas coisas na nossa vida.

Yasmin Roese

SUMÁRIO

Palhoça/SC, 08 de setembro de 2020

Oi meu amor,

Hoje nessa carta vou te contar uma história e ela aconteceu quando você ainda estava na barriga da mamãe.

Começa quando seu papai e a sua mamãe descobriram que você seria a Cecília, nós estávamos há alguns dias em casa já e iríamos ficar mais vários e vários dias em casa. Estávamos em isolamento social para proteger todo mundo e para se proteger, mas você deve estar se perguntando: "Se proteger do que?", e eu vou te responder agora mesmo. No ano em que você nasceu havia um bichinho invisível que podia machucar as pessoas e mesmo ele sendo invisível era muito perigoso. Quando esse bichinho entrava em contato com a gente ele podia causar febre, dores no corpo e falta de ar, quando saímos na rua usávamos máscaras e sempre cuidávamos para nos manter afastados de outras pessoas que não estavam convivendo na mesma casa que a gente. Só saímos para ir ao médico, fazer compras ou ir trabalhar. Por isso eu e toda a nossa família ficamos sem ver você na barriga da mamãe. Nessa época a gente só te via crescer de longe e por fotos, nós estávamos morrendo de vontade de tocar na barriga da mamãe e te passar todo amor que a gente tem por você, mas quando a gente ama

SUMÁRIO



cuida muito e por isso não chegávamos perto. Nesses dias que ficamos isolados tivemos muito amor, convivência familiar e muitas histórias para contar.

Bom meu amorzinho essa é uma pequena lembrança do ano em que você nasceu. Tu nascer nesse ano trouxe mais amor e alegria para nossas vidas. Eu te amo um montão minha anjinha!

De sua prima,
Elizabeth

SUMÁRIO

Florianópolis/SC, 09 de setembro de 2020

Querida criança...

Olá! Como você está? Espero que bem. Meu nome é Maryana e eu falo de um momento difícil de acreditar que está acontecendo. Estamos passando por uma pandemia mundial que mudou completamente nossas vidas. Até o momento em que escrevo essa carta nós só saímos de casa usando máscaras (tem pessoas que não), não viajamos ou passeamos livremente, não podemos visitar aqueles que amamos com tanta frequência como gostaríamos. Festas e shows não são recomendados, mas tem pessoas ainda que insistem em viver como se nada estivesse acontecendo. E o que está acontecendo em 2020?

O vírus chamado coronavírus começou a aparecer em pessoas no final de 2019 na China, porém não demorou muito para aparecer casos dele em todo o mundo, sendo assim uma pandemia mundial. Está bastante difícil não poder visitar minha família, de passear na praia e de andar sem máscara. É muito doloroso não saber quanto tempo mais vamos ficar com ele aqui, muitas pessoas morrem todos os dias, as vidas das pessoas começaram a se tornar apenas um número em uma grande soma.

Além da pandemia mundial, aqui no Brasil estamos passando por um momento muito complicado na política, nosso governo e presidente continuam a querer que as pessoas achem que está tudo bem, mas não está. Eles não estão fazendo nada para lutar contra o vírus, não estão ajudando as pessoas que precisam... Com o coronavírus muitas lojas fecharam, muitas pessoas perderam emprego e perderam seu dinheiro, isso fez com que pessoas fossem morar na rua e passar fome, mesmo isso já sendo um problema que acontece no mundo ficou ainda pior com a pandemia do novo coronavírus. São tantas coisas que é até difícil de acreditar... Eu sinto uma angústia muito forte dentro de mim, mas sei que tem pessoas em situações muito piores que a minha, então me mantendo viva até o momento. E como estão as coisas aí? Espero que esteja tudo bem. Fico triste por estar escrevendo coisas tão tristes pra você, queria te dar notícias boas, mas é isso que está acontecendo agora em 2020. Quero que tudo fique bem aí no futuro.

Com carinho,
Maryana

Florianópolis/SC, 30 de setembro de 2020

Já se passaram 12 anos desde um dos momentos históricos mais marcantes da humanidade: a pandemia do coronavírus.

Talvez você, criança, não se lembre de nada, você tinha apenas 4 anos quando aconteceu. Talvez só ouça falar desse momento que mudou a forma dos seres humanos se relacionarem com os outros, as estruturas sociais, o modo do mundo se comunicar. Isso que os mais velhos chamam de mudança, talvez pra você já seja o normal.

Nessa carta, quero te contar como as coisas eram, o que se modificou.

Um abraço apertado, um aperto de mão, qualquer contato físico era feito sem receio. Máscaras? Talvez a maioria das pessoas nunca nem tenha colocado uma. Festas, bares, aniversários, comemorações eram feitas diariamente, sem receio e limitação de pessoas.

Os idosos, saíam para passear sem receio nenhum. Álcool gel? Dificilmente.

Claro que você sabe que atualmente as medidas não são tão extremas, mas resquícios dessa mudança continuam

SUMÁRIO

atuando em nossa forma de ver e agir no mundo. Estamos mais receosos, mais cuidadosos e precavidos.

Tenho duas visões, interpretações do resultado de tudo isso: a negativa e a positiva.

A negativa pensa em como as pessoas se distanciaram fisicamente, em como os contatos físicos se afastaram em detrimento do virtual, do online. A economia que teve de se reerguer a passinhos de tartaruga, o montante de famílias que ficaram desamparadas naquela época. O trauma que veio do medo das pessoas, da ansiedade, do receio do que estava por vir. Já o lado positivo, em meu olhar, talvez ultrapasse o negativo: as pessoas começaram a dar mais valor umas às outras, a união fortaleceu as relações, mesmo que talvez distantes fisicamente. Muitos descobriram novos gostos, novas ocupações, novas metas a serem traçadas. O consumismo e a poluição diminuíram. O egocentrismo e egoísmo do ser humano foi amenizado. Novas políticas públicas foram criadas e efetivadas com sucesso. As coisas se reestabeleceram, e o sentimento de união, de companheirismo e empatia global aumentou.

As mudanças nem sempre são confortáveis, nos fazem abdicar de velhos hábitos, talvez destrua algumas coisas. Porém, podemos ver o lado bom de todo esse processo, e



ver que talvez tenha sido realmente necessário para avançarmos em muitos aspectos.

Talvez você ainda não comprehenda muito do que está escrito nessa carta, mas peço que a guarde, e leia novamente quando estiver mais velho. E, quem sabe, você escreva uma para outra criança do futuro?

Abraços apertados,
Allana

SUMÁRIO

São José/SC, 16 de setembro de 2020

Olá, tudo bem?

Me chamo Eduarda e estou te escrevendo essa carta para contar a aventura que estamos vivendo em 2020, acho que esse tipo de aventura nem nos desenhos animados e filmes de ficção científica foram mostrados, não se imaginava tamanho conflito desse tal de coronavírus.

Desde o dia 17 de março deste ano, muitas coisas mudaram em nossas vidas, nossos parques e escolas foram fechados, muitos encontros e abraços adiados, algumas pessoas não resistiram e nos deixam saudade, tudo isso por culpa desse tal de coronavírus.

Nem o Lobo Mau foi tão cruel com a Vovozinha como esse vírus está sendo com muitas pessoas ao redor do mundo. Antes, somente os super-heróis como Homem-Aranha, Batman, Homem de Ferro e Mulher-Gato usavam mascarás para proteger o mundo dos vilões, hoje todos nós passamos a usar para proteger a si e aos outros.

Mesmo com tantas tecnologias e descobertas, todas as famílias são instruídas para ficarem isolados dentro de suas próprias casas, como a família dos Flintstones ficavam em sua caverna.

SUMÁRIO



Mesmo com tantos desafios, foi nesse mesmo contexto que muitos de nós aprendemos a ser mais pacientes, afetuoso, solidários e hoje minha maior vontade é trocar abraços como os de Bob Esponja no Patrick Estrela e Lula Molusco, bem apertados!

O mundo inteiro está torcendo para que alguém com seus super poderes possa nos salvar dessa grande aventura, espero que enquanto você estiver lendo essa carta, tudo esteja bem e que esse vírus já tenha sido combatido.

Abraços fortes e apertados,
Eduarda de Souza

SUMÁRIO

Florianópolis/SC, 11 de setembro de 2020

Olá criancada,

Como vocês estão? Me chamo Liziane, sou estudante de Pedagogia. Meu curso era para ser presencial, porém por conta da pandemia causada pela Covid-19, todos os níveis de educação (educação infantil, ensino fundamental, médio e superior) estão suspensos presencialmente e estão ocorrendo de maneira remota, tudo feito através do computador. Não estamos na situação ideal, mas é o que temos.

Além das mudanças relacionadas ao ensino, tivemos que mudar o nosso dia a dia. Usar máscaras é obrigatório sempre que sair de casa, higienizar toda e qualquer coisa que viesse da rua para dentro da residência. Na minha casa, criamos uma área suja, onde deixamos nossos sapatos que foram usados na rua e higienizamos com álcool, deixamos nossas bolsas e chaves pendurados e um frasco com álcool em gel para passarmos nas mãos. Chegar em casa era um ritual, depois de passar pela área suja, íamos direto para o banho e toda a roupa usada deveria ser lavada. Tudo isso para evitar a contaminação dentro de casa.

SUMÁRIO

Em relação aos espaços de lazer a maioria foram fechados, entre eles, praias, parques, praças, bares, cinemas etc. O isolamento social está durando até o momento 6 meses e ao que tudo indica irá até 2021. Em março, quando o Brasil entrou em isolamento social, mais da metade dos países do mundo já estavam em isolamento, tudo isso para que seja diminuído a velocidade de transmissão e que os governos ganhem tempo para preparar o sistema de saúde e evitar que entre em colapso. O primeiro caso de Covid-19 foi na China em 31 de dezembro de 2019, e não demorou muito para chegar no Brasil, em 26 de fevereiro de 2020, quando foi o primeiro caso no país.

Alguns países chegaram a restringir fronteiras, cancelando voos, entre eles, China, Itália, Argentina etc. O Brasil fechou as fronteiras terrestres, mas ainda era possível entrar e sair do país com transporte aéreo.

Muitas coisas no dia a dia mudaram, nada está normal, pessoas estão realizando trabalho remoto, as aulas estão sendo online, pessoas perderam o emprego. Estamos tendo que nos adaptar e nos acostumar. Desejo que no futuro a situação esteja normal de verdade e que você e sua família estejam bem.

Com carinho,
Liziane

Antônio Carlos/SC, 08 de setembro de 2020

Há quase uma semana, uma professora pediu para que nós estudantes escrevêssemos uma carta para uma criança do futuro, com objetivo de contar o que estamos vivendo neste momento. Eu decidi escrever esta carta para você Laura, minha prima tão querida e que sinto um carinho enorme. Primeiramente gostaria de me situar, escrevo esta carta no dia 8 de setembro de 2020, às 20 horas e 05 minutos, como você sabe, a prima está estudando para ser uma professora tão especial e querida como sua mãe e como sua dinda são.

Então minha branquinha, você é bem esperta e sabe que este ano as coisas estão diferentes e bem mudadas né? Neste ano de 2020, você teve uma grande felicidade e um lindo sonho se tornou realidade: no dia 17 de janeiro estávamos lá na praia, na casa da minha mãe, esperando o seu sonho se realizar, sim, a Carol, como você me chama, está falando do nascimento do seu irmão, o Heitor. Tudo parecia bem e normal, sua rotina continuou a mesma, até que de repente não podíamos mais sair de casa, com o passar dos dias não nos víamos mais e nem brincávamos juntas, você sabia que era por causa do novo coronavírus, seus pais tinham falado sobre, porém você não tinha dimensão do quão grave este vírus estava se tornado, ele estava

SUMÁRIO

matando muitas pessoas e hoje, ainda está. Comunicávamo-nos por chamadas de vídeos e pelas janelas, precisávamos esperar para podermos brincar juntas novamente, mas aos poucos tudo foi amenizando, o nosso medo foi se acalmando e até que enfim voltamos a nos ver, porém, sua mamãe foi contaminada e vocês ficaram novamente em isolamento.

Te confesso que ainda sinto um pouco de medo por conta do coronavírus, principalmente porque a vó e o vó não se cuidam muito e gostam de sair sempre, sabes que eles estão sempre fora de casa, né? E mesmo a Carol dando bronca neles não adianta, eles gostam de estar com a família. Toda manhã e toda noite peço a Deus para que os proteja e proteja todos nós deste mundo.

Há alguns anos já estamos passando por coisas inacreditáveis, como catástrofes ambientais, atentados terroristas, incêndios intencionais a patrimônio histórico e público, rompimento de barragens e etc. Todos estes acontecimentos não pareciam ter fim.

Acreditava 2019 ter sido um ano horrível, com inúmeros acontecimentos que abalaram todo o mundo. Na virada para 2020, acredito que não somente eu pedi que este fosse um ano melhor; estamos cansados de ver tanta destruição, são cenários tristes demais e muitos cenários injustos. Porém

SUMÁRIO

chegamos a 2020 e ele já veio causando muita tristeza com os ataques a pessoas e ao meio ambiente, em menos de um mês muitas coisas ruins aconteceram, mas mal sabíamos que a pior estava se concretizando na China, lugar que registrou a primeira morte pelo novo coronavírus. Em seguida este se espalhou por todo o mundo, parando tudo, causando um choque global na economia, e principalmente em nós seres humanos. Ainda hoje parece mentira tudo que estamos vivendo, estamos usando máscaras, não podemos mais sair de casa sem elas, álcool em gel se tornou nosso maior aliado. Estamos limitados ao espaço de nossas casas, não temos mais aulas, eu, você, nossos primos e irmãos estão estudando em casa, quem diria né?

Agora, escrevendo esta carta, já estamos melhores, estamos nos comunicando pessoalmente, nos vendo e nos encontrando. Ahh, quando sua mamãe foi contaminada, todos ficamos preocupados, principalmente com a vó e o vô, pois como sabes, eles não param em casa. Até agora estamos todos bem, sem sintomas graves, apenas esperando que a vacina seja disponibilizada o mais rápido possível e isto já está acontecendo, será praticamente em tempo recorde que uma vacina seja criada, aprovada e distribuída.

Sabe Laurinha, a prima no início se sentiu muito preocupada e com medo, principalmente preocupada com



meus avós se contaminarem e com medo do futuro, do que ele nos reserva, além de uma praga, sobrevivemos a um ciclone que destruiu muitas moradas e matou algumas pessoas. É, realmente este ano ficará marcado na história e espero muito que sobrevivamos a ele, pois eu amo muito viver e amo muito mais viver com vocês que são minha família e o motivo da minha felicidade. Espero que daqui 5 anos você leia esta carta e agradeça por ter sobrevivido a tudo isto que aconteceu e que acontecerá.

Enfim minha querida prima teimosenta e ranisicleide, espero que continues achando graça destes seus apelidos que te definem, saiba que a prima ama muito nossa família, e principalmente você que desde 17 de janeiro de 2020 vem sendo a melhor irmã deste mundo.

Ana Carolina

SUMÁRIO

Florianópolis/SC, 08 de setembro de 2020

Oii amiguinho!

Bom, mais uma pandemia está assustando o mundo. Não é a primeira e muito, provavelmente não será a última. Acredito que ninguém nunca pensou que fosse viver um desses momentos que tanto estudamos nas aulas de História, e que seria tão esgotante. Nenhum grande diretor de Hollywood poderia prever o grande "filme" da vida real que viveríamos, mais estranho e louco do que a própria ficção.

Aqui no Brasil, em março que começou a se acender o alerta de que a Covid-19 era realmente grave e que estava mais próximo do que imaginávamos. Mais precisamente em 18 março iniciou-se a quarentena aqui em Florianópolis, e em muitas cidades fecharam shoppings, parques, serviços em geral, escolas e afins. Inicialmente, amiguinho, seriam 15 dias, depois veio mais quinze e com isso recebemos via mídia diversas mensagens sobre o que fazer para ser divertir na quarentena, "Faça cursos online, faça isso, faça aquilo".... E agora? Quem diria que sentiríamos falta de ir trabalhar, de ir até mesmo para a escola... Pois é, acredite meu amigo, a escola que antes reclamávamos tanto é uma das que mais faz falta. Falta de vermos

SUMÁRIO

nosso amiguinhos, nossos professores e principalmente da hora do recreio, é claro.

Agora já estamos com praticamente seis meses de pandemia. Quem imaginava viver isso e que duraria tanto tempo? Seis meses em que muitas pessoas tiveram a vida revirada de cabeça pra baixo, crianças em casa 24 horas, muitos perderam seus empregos, universidades e escolas fechadas, estagiários parados, reduções de salários.

O já colapsado sistema de saúde brasileiro, quase literalmente parou diante de tanta procura. Os médicos supersaturados viviam dentro dos hospitais sem tempo para comer, para uma simples ida ao banheiro, vendo os hospitais superlotarem, vendo a vida de tantas pessoas que adoeceram, que infelizmente viraram mais um número nas estatísticas lutando contra esse vírus. A pandemia além de revirar nossa vida, nossa rotina, revirou também nossas certezas, nossas emoções. Emoções que literalmente transbordaram (o medo, a tristeza, a angústia...). O grande mal dessa geração aflorou nos quatro cantos do mundo, a ansiedade, a depressão. A dificuldade de lidar com si mesmo.

O que tiramos de mais importante dessa pandemia foi de que não importa onde estamos, se na China ou aqui

no Brasil, vamos nos cuidar e cuidar do outro. Vamos lembrar da gente, da nossa cabeça, da nossa família. Hoje dia 8 de setembro, já temos alguns vislumbres de volta à normalidade, claro sem esquecer de que ainda convivemos com o vírus e que ainda não temos nenhuma vacina oficial - aos poucos vão liberando alguns espaços como praças, praias...

Vamos nos cuidar com mais consciência, lembrando sempre que nossas atitudes respaldam no próximo seja para o bem ou para o mal. Vamos eleger um presidente que realmente entenda da seriedade do assunto e que não diga ser só mais uma "gripezinha". Vamos atuar como cidadãos e fazer valer nosso direito. Vamos nos cuidar.

Beijos amiguinho. Se cuida. Até a próxima.

Nicholy Andrade de Aguiar

Florianópolis/SC, 08 de setembro de 2020

Lola,

Estamos enfrentando esse momento de pandemia juntas, desde o início dela, lá em março deste ano. Eu, como tua dinda, acompanhei a tua transição para o ensino fundamental, o primeiro ano, sobre o qual você estava muito empolgada. Esse momento da trajetória escolar é muito incrível de viver, um pouco assustador no início, como todas as mudanças que enfrentamos ao longo da vida. É um momento em que precisamos ser corajosos para dominar nossos medos e caminhar para essa nova etapa. Seus pais, eu e toda a família te apoiamos e encorajamos muito para esse momento. Você fez novos amigos e conheceu sua nova escola, sua professora e teve contato com seus novos colegas de caminhada. Mas então a pandemia veio. Novamente, você ficou assustada - e nós todos também. Não foi nada fácil entender o que estávamos passando, e mais ainda, conseguir nos manter bem e passar toda a tranquilidade possível para você. E então novos desafios foram traçados, para todos nós. Sua escola voltou a funcionar, mas de forma remota. Que bicho era esse, né? Mas toda sua família estava lá para te ajudar! Que coisa estranha esse negócio de aula online, ver os colegas por

SUMÁRIO

uma tela pequenininha e ter pouquíssimo contato com a sua nova professora. Como aprender sobre as letras, os números, a história da cidade, do mundo, os planetas e todos os outros assuntos no meio dessa pandemia? Foi um desafio e tanto, e ainda está sendo. Mas você é muito dedicada e corajosa e feliz e determinada. Amo isso tudo em você. Incrivelmente, você tirou isso de letra. Chorei de orgulho ao ver que estava cada dia mais esperta, e já aprendeu a ler! Mas você sabe que alguns de seus colegas estão com dificuldade de compreender isso tudo. Todos nós enfrentamos alguma, né? A esperança de todos é que no próximo ano estaremos todos juntos. Eu também espero que sim, Lola. Porque esse momento da trajetória escolar é mágico demais para ser vivenciado através de uma tela. Mesmo você que cresceu nesse mundo digital e tecnológico, de internet, Tiktok, Netflix e YouTube, sabe que as relações não podem ser substituídas. A saudade dos colegas e dos amigos da escola, dos vizinhos e de todos com quem você costumava brincar está grande. Aos poucos você voltou a brincar com eles, e em breve voltará para a escola. E descobrirá que esse é um espaço muito acolhedor e cheio de novas descobertas, assim como foi desbravar a educação infantil. É muito gostoso fazer novos amigos, e eu sei que o próximo ano vai ser um ano incrível para você. Eu desejo sempre as melhores coisas do mundo,



as melhores experiências, os melhores aprendizados. Nós aprendemos juntas a não ter medo de enfrentar nada. Lemos juntas livros que falam sobre monstros, sobre fadas e princesas. E isso nunca vai mudar, Lola. A dinda sempre vai estar aqui, com e para você. Vamos explorar e conhecer muita coisa juntas e enfrentar todos os medos que possam surgir juntas. Você pode sempre contar comigo. Seja lá como o mundo estiver no momento pós-pandemia, estaremos juntas. E eu espero que esse momento seja repleto de abraços, olhares e cuidado, sempre, um com os outros.

Um beijo de chocolate,
Dinda Amanda

SUMÁRIO

Florianópolis/SC, 15 de setembro de 2020

Minha (meu) Querida (o),

É um prazer escrever esta carta para você, mas confesso ser um desprazer falar sobre o que está acontecendo.

Não sei se faz muito tempo que escrevi isto, pois neste momento não temos previsão de quando essa loucura vai acabar, mas temos esperança.

Como estamos aqui? Numa pandemia, uma doença que surgiu e atravessou os sete mares, é como uma gripe, só que mais forte para alguns, tão forte que acabam não resistindo. Milhares de pessoas perdem seus familiares todos os dias, e no meio disso tudo ainda estão acontecendo as atrocidades causadas por pessoas que não entendem que a vida do outro também é importante.

A ansiedade toma conta de todos, o medo e a angústia assombram. Artesãos e trabalhadores arriscam sua vida para conseguir sobreviver, e mais pessoas são infectadas todos os dias. Embora muitos são egoístas a ponto de ignorarem todas as recomendações e acabam colocando outras pessoas em risco.

SUMÁRIO

Estamos andando de máscaras todos os dias, está bem agonizante, mas as imagens que são colocadas nelas alivia um pouco a tensão, alguns pintaram sorrisos nas suas, então nunca estão tristes, embora saibamos que não seja tão verdade.

E as aulas? Estamos tendo aulas e ensinando tudo pelo computador, está uma doideira, imagina a internet travando e caindo durante uma explicação de aula ou uma apresentação em grupo. Não sei se sua aula também é assim, mas se for espero que a internet tenha melhorado muito, para TODOS.

Mas a pior coisa é que não estamos podendo visitar amigos e familiares para não correr o risco de infectá-los, e muitos estão nos deixando sem nem dar tempo de dizer adeus.

Abraços e beijos que deixam qualquer um alegre, mas não são permitidos e isso torna tudo mais triste.

Espero que tudo isso tenha servido para algo, que as pessoas passem a perceber que a vida é importante.

Acredito que logo isso vai melhorar, e quem sabe eu consiga te escrever outra carta para contar tudo. Até

SUMÁRIO



lá.... Viva e agradeça cada dia. Abrace todos que puder, ame todos que estão do seu lado e VIVA.

Um grande abraço,

Thayane Karina Ferreira

SUMÁRIO

Florianópolis/SC, 03 de setembro de 2020.

Olá, crianças do ano de 2025. Espero que estejam todas bem, dentro do que é possível. Sou Marcia Eduarda Garcez Isaac, estudante de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina, e escrevo esta carta para contar a vocês sobre 2020, ano o qual estou escrevendo.

Em janeiro de 2020, o mundo inteiro recebeu a notícia de que havia um novo vírus (ele é formalmente chamado de Sars-Cov-2, mas também é chamado de Covid-19, coronavírus ou, ainda, *corona*) circulando entre diferentes países do continente asiático - as primeiras notícias chegaram da China; Coreia do Sul, Japão e demais países enviaram notícias sobre o vírus nas semanas seguintes.

Foram semanas e semanas com o vírus tomando certo destaque nos noticiários. Como tudo ainda era muito novo, especialistas da saúde e cientistas não conheciam muito bem sobre o coronavírus. Não saberei explicar detalhadamente sobre como e quando encontraram as primeiras respostas, mas posso lhes dizer que o *corona* é transmitido de pessoa para pessoa (se uma pessoa está próxima de outra que está infectada, há a possibilidade de infecção através de tosse ou espirro, por exemplo) ou se tocamos uma superfície contaminada e levarmos as mãos

SUMÁRIO

aos olhos, nariz ou boca. Também começaram a falar sobre como as aglomerações contribuem para a transmissão do vírus, pela falta de circulação de ar.

Os países citados, imediatamente, tomaram suas medidas. Os governos fecharam escolas, parte do comércio de rua, e também recomendaram pela diminuição do fluxo de pessoas nos transportes coletivos. As maiores recomendações até aquele momento eram: ficar em casa (se possível) e lavar as mãos com água e sabão ou usar álcool em gel. Para casos em que fosse preciso sair de casa, manter o distanciamento social (as pessoas deveriam se manter distantes umas das outras por, pelo menos, 1,5 metro). Estas foram as primeiras experiências de uma "quarentena". Imagens de ruas praticamente desertas, com pouquíssima circulação de pessoas rodavam o mundo inteiro. Momentos assustadores e que ficaram presentes na minha memória vividamente.

Uma loucura, não é mesmo? E o pior era que nós, aqui do Brasil, não tínhamos uma dimensão exata do que estava acontecendo. Havia as notícias nos principais meios de comunicação, os países que estavam enfrentando o vírus compartilhavam sobre suas descobertas, mas, ainda assim, não tínhamos muita noção do que estava acontecendo; não parecia palpável (mas preciso ser

sincera e lhes dizer que já estava apavorada com tudo que via e lia sobre o assunto).

Apesar disso, seguimos nossas vidas. O Carnaval aconteceu, as férias acabaram e voltamos ao trabalho e às aulas. Mas qual não foi a nossa surpresa quando os primeiros casos fora do continente asiático começaram a surgir; o coronavírus havia chegado aos países europeus e norte-americanos.

E, por conseguinte, à América do Sul, Oceania e África.

Lembro com muito aperto no coração quando o primeiro caso no Brasil foi noticiado. Um homem havia acabado de chegar de uma viagem na Europa e, sentindo alguns dos sintomas, testou positivo para a doença. Esse primeiro caso foi em São Paulo, mas não demorou muito para a doença se espalhar por nosso país. Com medo da grande escala de transmissão que o vírus poderia tomar caso não fossem assumidas as devidas atitudes para seu enfrentamento, governadores e prefeitos reuniram esforços e, assim como nos outros países mundo afora, também decretaram quarentena em boa parte do país. Neste momento, inclusive, a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou a pandemia de Covid-19.

Cada estado e município declarou medidas restritivas diferentes para o enfrentamento contra a pandemia do novo coronavírus, então nesta parte da carta falarei sobre a minha experiência enquanto moradora da cidade de Florianópolis, em Santa Catarina.

No início da pandemia, o prefeito assumiu medidas restritivas em nossa cidade. Apenas o comércio essencial (supermercados e farmácias, por exemplo) possuía a autorização para permanecer aberto, o restante havia sido fechado. Escolas, universidades, bares, restaurantes, salões de beleza, shoppings e transporte coletivo não estavam funcionando. Assim como nos outros lugares, as maiores recomendações eram: ficar em casa (se possível), lavar as mãos com água e sabão ou usar álcool em gel e manter o distanciamento social caso tivéssemos que sair de casa. Não tinha nem como cumprimentar as pessoas com um abraço ou aperto de mão.

Não se falava em outra coisa: a pandemia tomou conta de todas as nossas conversas e de todos os meios de comunicação. Dia após dia, infelizmente, novas vítimas (algumas fatais) eram noticiadas. Os trabalhos estavam sendo realizados em casa (para aqueles que tinham acesso ao computador e à internet); as crianças estavam em casa o dia inteiro e seus pais precisavam se desdobrar para

cuidar delas e trabalharem; os meios de transporte eram a bicicleta, táxi ou Uber.

Os médicos e enfermeiros se tornaram verdadeiros heróis. Só de imaginar que muitos deles deixaram de ver suas famílias por um longo período de tempo pois corriam o risco de contaminá-los, passando intermináveis horas atendendo e ajudando os pacientes, usando diversos equipamentos de proteção desconfortáveis, me sinto exausta. Não conseguiria fazer o mesmo. Minha gratidão a todos os profissionais. Sem eles, não sei o que seria de nós.

Então, mesmo que fossem apenas as primeiras semanas, as coisas já estavam sufocantes.

Com a suspensão de aulas na universidade e enfrentando sucessivas ondas de desânimo diante de tudo o que estava acontecendo, busquei refúgio nas séries e filmes. Assistia um filme por dia e finalizava uma série a cada semana. Mergulhava em novas histórias e me apaixonava por cada personagem. Também conversava com a minha família e entrava em contato com meus amigos frequentemente, apenas para saber se estavam bem. Foram momentos difíceis. Dolorosos. Havia dias que acordava otimista, afirmando para todos os cantos de

SUMÁRIO

que tudo passaria em um piscar de olhos. Em outros, não me sentia nada bem. Ficava quieta e no meu canto. Assim seguiram os meses.

Pouco tempo depois, o uso de máscaras surgiu como mais uma recomendação para a prevenção à Covid-19. Então, a qualquer momento em que tínhamos que sair de casa para ir ao supermercado, por exemplo, precisávamos usar as máscaras (semanas depois o uso delas passou a ser obrigatório). Mais uma nova experiência, dessa vez a de sair de casa e enxergar apenas as pessoas de máscaras. Sem sorrisos.

Não posso deixar de mencionar que nem mesmo aqueles que supostamente deveriam nos representar no campo político nos ajudaram apropriadamente. Desde o inicio o presidente do nosso país fez pouco caso da situação; em quase todos os seus discursos ele minimizava a pandemia, a chamando de "gripezinha", além de que minimizava as milhares de mortes em decorrência da doença. Mesmo que as recomendações de saúde fossem para evitar aglomerações, o próprio presidente virava as costas para elas. Isso sem mencionar a verdadeira crise política no país, pois em um curto de período de tempo tivemos três ministros da saúde (na verdade, o último assumiu o cargo interinamente, ou seja, não era oficialmente ministro), deixando a população à sua própria mercê. E, embora os governadores e prefeitos

SUMÁRIO

tenham ganhado autonomia e recursos financeiros - poucos, devo ressaltar - para o combate ao coronavírus, ainda assim houve muita negligência. Chegou um momento que pensei que nem mesmo o nosso governador do estado e prefeito estavam ao nosso lado, uma vez que quase não haviam mais medidas restritivas.

Infelizmente, a pandemia escancarou muitas coisas ruins que já faziam parte da nossa sociedade. As desigualdades sociais passaram a ser (ainda mais) escancaradas - como seguir a recomendação de lavar as mãos frequentemente se haviam lugares no nosso país (da nossa cidade, inclusive!) que não tinham acesso à água encanada? -, além de muita falta de respeito, de empatia e muita ignorância. Os meios de comunicação, os cientistas e especialistas da saúde falavam: fiquem em casa se puderem, respeitem o distanciamento social, lavem as mãos e usem as máscaras. E, mesmo assim, havia pessoas que pisavam nessas recomendações e simplesmente ignoravam. Frequentavam festas e bares lotados - afinal, pelo o que estavam comemorando? -, não usavam as máscaras e saíam de casa, colocando suas vidas e a vida de outras pessoas em risco. Nada me deixava mais triste do que isso. A pandemia mostrou a falta de responsabilidade coletiva.

SUMÁRIO

Mas não posso deixar de lado as coisas boas que neste momento, apesar de triste e extremamente dolorido, nos trouxe. Ainda que eu tenha citado que muitas pessoas se mostraram ignorantes diante dessa situação, o número de pessoas que se sensibilizaram foi ainda maior. O número expressivo de doações de alimentos, materiais de higiene, equipamentos de proteção; as Lives de artistas de diferentes gêneros musicais; as inúmeras redes de apoio; o afeto, carinho e compreensão tomaram conta. Eram essas notícias que enchiam o meu peito de esperança, ainda que nessas circunstâncias tristes.

Ah, não posso esquecer de mencionar que durante a pandemia outras coisas também aconteceram, pois o ano de 2020 se provou ser um dos mais enlouquecedores. Tivemos ameaça de uma nuvem de gafanhotos que poderia chegar ao Brasil e destruir campos de plantações, ciclone bomba (no sul do país, especificamente em Santa Catarina), incêndios no Pantanal e neve. Sim, neve no Brasil. As últimas semanas de agosto tiveram temperaturas tão baixas que nevou nas serras gaúcha e catarinense. Mundialmente, tivemos a ocorrência de uma explosão em grande escala no Líbano, que infelizmente deixou dezenas de vítimas. Ademais, a morte brutal de um homem negro nos Estados Unidos provocou uma onda de protestos contra a violência

policial e pelo fim do racismo com o movimento "Black Lives Matter" (Vidas Negras Importam).

Pouco a pouco, nos habituamos ao tal "novo normal". As medidas restritivas foram flexibilizadas; comércio de rua, shoppings, cinemas, bares e transporte coletivo voltaram a funcionar até determinado horário. Mais pessoas foram para as ruas, às vezes só para espalhafatar um pouco ou esticar as pernas. Algumas escolas voltaram a abrir, mas grande parte permanece fechada, oferecendo aulas online. Eu também estou tendo aulas online no momento. É estranho pensar que não há interação para além do computador - isso para aqueles que o possuem, claro, uma vez que muitas pessoas estão sem aulas pois não possuem acesso ao computador e à internet. Para além disso, permanecemos em casa - aqueles que podem -, seguindo a quarentena.

Ah, uma coisa importante: estudos sobre possíveis vacinas para nos proteger do novo coronavírus estão de vento em polpa. Alguns estão mais adiantados que outros, mas, ao que tudo indica, em 2021 elas serão produzidas e chegarão à uma parte da população. Isso já nos deixa um pouco aliviados.

Enfim, a pandemia nos proporcionou diversos debates sobre desigualdade social, inclusão, educação à distância, saúde mental, exercício de empatia, respeito. Evidenciou, ainda mais, a luta contra a violência policial e o racismo.

Ufa. Quanta coisa, não? Realmente, mencionar tudo isso não foi nada fácil. Muitas coisas aconteceram e parece que já passou um ano inteiro, mas estou escrevendo essa carta em setembro. Desejo do fundo do meu coração que até dezembro nada mais aconteça. Foram coisas demais para assimilar.

No mais, espero que tudo fique bem e que 2020 se torne página virada, daquelas que nem sentimos vontade de voltar. Se quiserem, posso contar a vocês sobre tudo isso pessoalmente.

Atenciosamente,
Marcia Eduarda Garcez Isaac

Florianópolis/SC, 09 de setembro de 2020.

Querida Bubu e Ana,

Passamos por momentos complicados, dias difíceis e de muito aprendizado. Talvez vocês nem tivessem dimensão em suas cabecinhas de tudo que estávamos vivendo, mas não se preocupem, nós também não. Não podíamos mais controlar nossos dias, trabalho, escola, viagens e planos. Sabe quando você está assistindo seu desenho de YouTube favorito e o papai ou a mamãe pausam dizendo que é hora de dormir? Então, o mundo fez isso com a gente! Pausou tudo e nos fez ficar em casa, quem pudesse é claro! E assim fizemos, ficamos meses e meses em casa!

Tudo que sempre foi comum virou muito importante, como um abraço ou ter a família toda junta fazendo muito barulho. Aprendemos a nos comunicar pela sacada, de máscaras, pelos portões até o dia que podíamos dar um abraço, você lembra, aqui em casa brincando no balanço que seu dindo colocou na árvore caso você não pudesse mais usar o parquinho de sua casa? Eu lembro como se fosse ontem a alegria de poder ter vocês por perto. Aprendemos a viver longe, mas tendo todos bem pertinho em nosso coração, pensamentos e orações. Aprendemos a valorizar o olho no olho, o sorriso largo, a família, as

SUMÁRIO

pessoas, a escola e muitas outras coisas que hoje vemos de forma bem diferente.

O tal "colonavilus", como a Aninha costumava falar, nos mostrou a importância de lavarmos as mãos e comermos alimentos saudáveis, tal como a importância de amar no hoje, o nosso dia que é um PRESENTE. E por falar em presente, nossa imaginação nos levou a encontrar novas formas de comemorar aniversário, como o ANIVERSÁRIO DELIVERY que foi muito legal, né Bruna!? Novas formas de assistir uma aula, ver os amiguinhos da escola, ouvir uma história da professora e fazer atividades. A aula online não é a mesma coisa, mas o quanto gostoso foi ver os amiguinhos mesmo que pelo computador.

Se vocês estão lendo esta carta é porque hoje talvez suas memórias sejam o cheirinho de álcool em gel, as fotos com máscara, as histórias contadas pelos seus pais e os momentos de muita diversão em casa. Que bom! Que bom que tudo ficou bem! Para suas memórias eu só quero lembrar as coisas boas produzidas de tudo isso, os tempos que aprendemos e comemoramos a vida, os dias que mesmo com medo e saudades colorimos o arco-íris no vidro do prédio e cantamos suas músicas preferidas com quatro andares de distância entre nós. Muita coisa mudou, desde ruas e mares mais limpos até

SUMÁRIO

datas comemorativas sem família toda junta, como a Páscoa, por exemplo. Cestas entregues na portaria, Feliz Páscoa por FaceTime, e muito amor envolvido entre um prédio e uma casa do outro lado da ponte.

As pessoas sofreram muito nesse período de pandemia, minhas meninas, alguns perderam pessoas que amavam, outros não tinham mais dinheiro, trabalho e comida. Muitos ficaram doentes para salvar outros e viveram como heróis. De uma forma surpreendente a humanidade se moveu para ajudar uns aos outros. Aprendemos que sempre podemos dividir compartilhar, cuidar e ajudar. Aprendemos que nada une mais as pessoas do que o AMOR.

Que todas as histórias de momentos difíceis que vocês passarem seja repleto de aprendizagem e mudanças positivas.

Com amor e muitos corações amarelos,

Sua dâdâ
Dâmaris Luiza Viana

Florianópolis/SC, 18 de setembro de 2020.

Oizinho meu amor,

Não sei exatamente quando você está lendo esta carta, mas espero que estejamos bem. Também não sei o quanto você se lembra do ano de 2020, o que sei é o quanto você está sentindo os efeitos desta pandemia.

Em fevereiro você voltou para a escolinha e encontrou todos os seus amiguinhos depois das férias, mas um mês depois a quarentena começou e o que pensamos que seriam poucas semanas, já se transformou em seis meses. Agora, você só conversa com a Bê por áudio/vídeo chamadas no celular da mamãe, certamente você já viu todos os brinquedos e cantinhos da casa dela e ela da nossa, mas sei que não é a mesma coisa. Sentimos falta dos beijos e abraços, não é mesmo?

No começo deste mês, você completou seis aninhos e, diferente dos anos anteriores, não pudemos chamar a família e os amigos para comemorar, fomos apenas eu, você, papai, mamãe e a mana Bia - não que sejamos poucos! - percebi que você ficou um pouco triste, mas amou seu bolo de sereia. Sei que você ama aniversários, no entanto, este ano teve que ser diferente.

SUMÁRIO

Mas não podemos ver tudo pelo lado negativo, por mais difícil que seja não fazê-lo. Eu, você e a Bi estamos sem aula, o que é triste, mas também significa que estamos mais tempo juntinhos. Já fizemos tantos livrinhos e assistimos tantos filmes que, daqui a pouco, teremos terminado com todas as folhas do papai e com o catálogo quase infinito da Netflix.

Mesmo assim, às vezes você chora depois de acordar ou antes de dormir por querer ir pra escola, sei que este seria seu último ano antes de mudar para um novo colégio com outros colegas. Quando isso acontece, confesso que choro junto, nunca imaginei que estariam passando por isso, ou que você tão pequenininha precisaria demonstrar tamanha responsabilidade. Isso porque, é fato, que você já sabe "de cor e salteado" absolutamente tudo que devemos ou não fazer para evitar pegar os "bichinhos" de que tanto falam.

Por último, a mana só quer te dizer que sempre vai sentir muito orgulho de você, pitchuquinha. Te amo daqui até Plutão indo e voltando infinitas vezes!

Com todo o amor que cabe no meu coração, mana Lari.

Larissa Peres de Matos

Itajaí/SC, 09 e setembro de 2020

Saudações de um passado distante! Isto não é apenas uma carta: o que você está lendo agora é uma cápsula do tempo! Com a ajuda desta cápsula do tempo, eu vou poder te contar como está o mundo de hoje, dia 09 de setembro de 2020.

Meu nome é André Luiz Umeiki Machado, tenho 34 anos. Nasci em Curitiba, no dia 21 de março de 1986 (já faz bastante tempo, não é mesmo?). Estou escrevendo esta carta no ano de 2020. Este ano está sendo muito diferente para todos nós aqui no planeta Terra. Infelizmente, está sendo muito triste também. No final do ano de 2019 surgiu uma nova doença, que estamos chamando de Covid-19. Ainda sabemos muito pouco sobre a Covid-19, que é causada por um vírus. Muitas vacinas estão sendo desenvolvidas e testadas e temos muita esperança de que elas estejam prontas logo. Para nos prevenir, estamos usando máscaras, higienizando as mãos com álcool em gel e tentando manter distância das outras pessoas.

Um grande problema que temos agora é que muitos não estão conseguindo se proteger. São as pessoas que não têm casa, que não têm condições de comprar comida. Há também trabalhadores que não estão protegidos dentro de casa porque não podem ficar nenhum dia sem ir trabalhar, então pegam ônibus e metrôs lotados,

SUMÁRIO

arriscando a vida diariamente. Muitos não estão dando importância à vida dessas pessoas. Por isso, não se esqueça de cuidar das pessoas à sua volta, dos idosos, dos necessitados. Cuide também da sua família! Dos avós, pais, mães, tios e tias... Pois as pessoas são o que há de mais importante na nossa vida.

Outro grande impacto que estamos sentindo é do distanciamento social. Até hoje, não havia surgido essa necessidade de nos manter tão longe uns dos outros. Eu não sei como estarão as coisas no momento que você estiver lendo essa carta, se ainda é preciso continuar mantendo essa distância. Por isso, quero te dizer que o contato é muito importante. É através da vivência e do contato com as outras pessoas que desenvolvemos a empatia, que é importante na hora de entender o outro. Com a tecnologia que temos hoje, boa parte da nossa vida está sendo feita através da internet e do telefone. Perdemos grande parte do contato físico com muitas pessoas, e estamos ficando cada vez mais isolados. Precisamos encontrar novas formas de nos mantermos em contato com as outras pessoas, para que possamos demonstrar nosso afeto, nosso cuidado e nossa empatia. Espero que você esteja bem e com saúde, um grande abraço.

André

Antônio Carlos/SC, 10 de setembro de 2020

Querida criança, como você está? Espero que bem e que esteja aproveitando bastante essa fase da sua vida. Meu nome é Eloisa, e escrevo esta carta num momento muito conturbado e triste. Estamos vivendo um momento em que não podemos estar juntos com nossos familiares e amigos, que não podemos sair para podermos nos encontrar, mesmo assim, temos pessoas que não entendem isso, e continuam saindo sem se importar. E sabe por que não podemos estarmos juntos? Por conta de um vírus que chamamos de coronavírus ou Covid-19.

Este vírus, que "impede" a gente de estar próximo das nossas famílias, começou a aparecer no final de 2019, lá na China. Naquele momento, ninguém estava se preocupando com isso, tanto que continuamos a viver a nossa vida normalmente. Veio as festas de fim de ano, preparamos as nossas metas para este ano sem saber o que estava por vir. Tivemos também o carnaval, com muita aglomeração, mas nem pensando se o vírus já estava circulando no meio de nós. E no início de março a nossa vida mudou. De repente não podíamos mais sair de casa. Não tínhamos mais aula, não podíamos encontrar nossos amigos nem sair para ir ao shopping. A nossa vida ficou restrita. E até este momento em que vos escrevo, estamos assim. Claro

SUMÁRIO

que muitas coisas já voltaram a funcionar, porém o medo de pegar esta doença é maior para boa parte da população, infelizmente não para todos.

Como se não bastasse este vírus, temos ainda muitos outros problemas. O desmatamento no nosso país está cada dia maior. Já não temos mais tantas florestas nativas. A nossa economia não está indo bem. E o nosso atual presidente acha que está fazendo um belo trabalho; além achar isso, ele ainda acredita que este vírus não é nada, como ele próprio disse: "é só uma gripezinha". Mas esta gripezinha já conseguiu matar muitas pessoas. E cada vez que aumenta o número de óbitos, ele fala mais uma frase deste tipo, como se não fosse nada. E é muito triste isto, pois são vidas, são famílias que perdem seus entes queridos, são pais perdendo seus filhos, e filhos perdendo seus pais. Então, claro que não é só uma gripezinha, e infelizmente o nosso governo federal não toma frete disso, não se posiciona, não interfere, não toma medidas preventivas.

Além disso, as escolas estão vivendo uma situação atípica. Você se imagina tendo aula somente por meio de um computador? Com muitas atividades para fazer? Sem ter o apoio de um professor? Pois então, as crianças estão tendo isso neste ano. Muitas crianças não têm acesso à

internet, mas mesmo assim estão tendo que dar um jeito para conseguir fazer, já que o nosso governo não se preocupou se todas as crianças teriam acesso à internet ou a algum aparelho eletrônico. Só pensou em criar um jeito de não perder o ano letivo. Isto também serve para as nossas universidades, que por mais que algumas ofereceram auxílio internet, ou emprestaram computadores para os estudantes, não se tinha o suficiente, e muitos não conseguiram continuar.

Diante de tudo isso, outra situação mais indignante é ver que tem pessoas que não se importam. Elas fazem festas, aglomerações em bares, saem para muitos lugares, pois elas acham que a vida não pode parar. Mas elas não pensam no quanto isso afeta a vida das outras pessoas. Infelizmente temos essa situação. Nem todas as pessoas tomaram consciência do momento em que estamos passando.

Sinto uma angústia muito grande neste momento. Os cientistas ainda não encontraram alguma vacina ou remédio para o coronavírus. Esperamos que eles encontrem rápido, mas que ela seja verdadeiramente eficaz. Enquanto isso, continuamos com o nosso isolamento social, e tomando todas as medidas necessárias quando saímos.



Infelizmente tive que dar a você estas notícias tristes sobre o ano de 2020, mas espero que agora esteja tudo bem. Aproveite bastante a sua vida, abrace, beije, dê carinho a todos, pois nunca sabemos quando não podemos mais fazer isso.

Com todo amor e carinho,

Eloisa

SUMÁRIO

Antônio Carlos/SC, 09 de setembro de 2020

Olá criança do futuro,

Como você está? Espero que muito bem, quais são as suas brincadeiras favoritas? E qual é a sua música favorita? Você gosta de brincar na rua, ou no parque? Sabia que **do tempo em que escrevo a você as crianças não podem brincar no parque, nem ir ao cinema, muito menos ir à escola, mas você sabe o porquê disso?**

Meu nome é Sandra e no tempo em que vivo, surgiu um vírus, na China, no final do ano passado, 2019, chamado Covid-19, que agora está circulando o mundo todo. Ele deixa as pessoas muito doentes, e muitas delas têm nos deixado, não conseguem sobreviver. E o pior de tudo é que esse vírus ninguém consegue ver se tem ou não facilmente, já que ninguém estava preparado para essa situação, ele passa de pessoa para pessoa. Por isso, temos que ficar em casa, isolados. As crianças assistem as aulas de suas casas, e brincam como podem. Espero que quando você estiver lendo essa carta, os cientistas já tenham descoberto um remédio ou a cura para essa doença.

Sou estudante, estou me formando pedagoga, no futuro irei ser professora. No momento nossas aulas são

SUMÁRIO



à distância, temos uma sala online, é um ambiente muito novo para todos nós. Tenho a curiosidade de saber no tempo em que você está vivendo como estão acontecendo as aulas; às vezes eu penso que algumas mudanças vieram para ficar. Como palestras e encontros online.

Outra situação que estamos vivendo é que ninguém é para sair de casa sem máscara no rosto. Alguns saem, mas quando isso acontece o vírus se alastra mais rápido, em lugares com mais aglomeração, como supermercados, hospitais, farmácias, verificam nossa temperatura corporal, e o álcool em gel se tornou algo inseparável, pois diminui o contágio.

Com carinho,
Sandra Guesser

SUMÁRIO

Nova Trento/SC, 07 de setembro de 2020

Estéfany,

Nesta época que escrevo, as coisas estão turbulentas por aqui. São muitas emoções ao mesmo tempo, tristeza por tudo que está acontecendo; agonia pela incerteza dos dias seguintes e de quando tudo isso vai acabar; mas também sinto muita alegria em ter você para trazer felicidade para nossos dias, arrancar sorrisos e nos encher de amor!

Talvez você não vá lembrar com clareza do que acontece por agora, nem porque está acontecendo... Sabe, 2020 tinha tudo para ser um ano cheio de coisas boas, seria o ano em que o Enzo, seu irmãozinho, nasceria, trazendo mais alegria pra família. E realmente aconteceu, em meio a essa pandemia ele chegou! Esse ano você começaria a frequentar a escola, ia começar a escrever, que emoção! Mas isso infelizmente ficou meio bagunçado...

No início do ano soubemos que um vírus começou a circular por aí, até que chegou no Brasil. E agora? O que esperar? Fecharam tudo, ninguém deveria sair de casa sem um bom motivo. Surgiu um novo acessório essencial: a máscara! Você sempre se preocupava em usar quando tinha que sair. Foi difícil se adaptar a isso, sem estudar, sem

trabalhar, somente em casa, mas aos poucos nos acostumamos com a nova rotina. O que não dava para se acostumar era ver tanta gente perder a vida por isso. Muita gente perdeu essa batalha contra o vírus. Na verdade, ainda não dá pra se acostumar a isso, porque isso ainda não acabou... Já são 6 meses até agora que, infelizmente, convivemos com isso.

Sabe, acredito que muita gente, assim como eu, aprendeu a dar ainda mais valor à vida, às pessoas que me rodeiam e que me querem bem. Passei muito mais tempo com meus pais, com você, passamos muitas tardes brincando juntas, e nesses momentos parecia que esquecia de tudo... Passei muitas tardes também te ajudando a fazer as atividades da escola. Por falar nisso, que bagunçado que foi... Espero que você recupere o que deixou de aprender e vivenciar na escola durante esse tempo, porque nada supera a interação que você tem e os laços que você cria na escola!

Você foi um refúgio para mim, se estava triste, com medo, bastava um abraço e um beijo apertado que só você sabe dar... Tudo melhorava. Bastava um sorrisinho, um dengo, me sentia bem. Embora tudo isso tivesse acontecendo ao nosso redor, me senti muito mais protetora, e isso eu vou ser pra sempre pra ti, sempre vou ser seu refúgio para qualquer situação. Não sabemos quando isso vai



acabar, espero que seja logo, não vejo a hora de te levar
pra conhecer a ilha da magia!

De sua tia e madrinha que te ama,

Michele

SUMÁRIO

Florianópolis/SC, 08 de setembro de 2020

Para a criança que ainda habita em você.

Olá, escrevo de um dia entre tantos que estamos em casa. Estar em casa!

Como foi bom dizer essa frase quando nós procurávamos em uma rotina corrida e sem muitos espaços de parar. Momentos como sentar no sofá, eram raros; assistir a programas que você gosta, se tornou um tanto monótono quando isso se repetiu em demasia.

Você querida criança que ainda habita em mim, que deve estar em uma outra realidade que não essa, pode estar pensando o porquê de tanta angústia, por momentos de pausas e de fazer o que gosta. Posso dizer, hoje, que tirar férias por seis meses não é a melhor ideia. Ainda mais quando essas férias te limitam a um só lugar, sua casa.

Há uma palavra, por fim, aclamada por todos, a tal liberdade. Que se agita entre tantos outros sentidos, que nos impulsiona e nos faz sentir que estamos vivos. Ela se tornou um pouco mais falada, um pouco mais reivindicada por corpos que sentem a necessidade de se

encontrarem, e de se sentirem livres das gaiolas que os limitam a um só espaço.

Os pensamentos durante o dia podiam ser nossos melhores amigos ou inimigos mortais. Vagueiam entre fugas bem arquitetadas para mundos da imaginação em uma luta constante de sentir teus planos escorrerem pelas mãos.

Mas há momentos bons que foram bem apreciados, querida criança: pudemos observar com mais atenção as estações do ano, e o clima que sentimos durante o dia. Anotamos o horário perfeito que o sol estava em alguns cômodos da casa, isso causava uma corrida para os locais durante o dia. Exploramos outras maneiras de lidar com nosso alimento, começamos a observar coisas que sempre estiveram ali, mas que ainda não tinham sido percebidas. As nuvens, a cada novo dia tinham um formato diferente, já estava criando uma teoria para isso, talvez o vento, norte ou nordeste. Sei que o vento sul é o do frio, e dele sentia antes mesmo de começar, porque os pássaros já procuravam suas casas e não cantavam em determinado horário.

Algumas coisas ficaram bem evidentes nesse processo, a natureza estava pedindo a pausa dela, aquela que



todos necessitamos quando rodopiamos em um mesmo lugar muitas vezes. A brincadeira é legal, mas se não paramos no momento certo, a queda é certeira. As sensações também veem, de náusea, tontura. Quando fazemos mais vezes, vamos pegando o ritmo, e brincando com o rodopiar do tempo, do espaço e da nossa visão que vai misturando tudo, o que é terra vira chão, o que é árvore vira borrão.

Percebemos também, que nem toda casa foi igual! E quem não tem casa, como ficou??

Muitas perguntas sem serem respondidas, muitas questões a serem debatidas.

Eu fico com a esperança, que essa experiência tão atípica possa nos proporcionar um brincar leve, de quem vê uma sala vazia e corre sem parar, de sentir o vento no rosto, de sentir o cheiro do pão quentinho e de uma conversa longa e demorada. Que todos possam se sentir acolhidos e protegidos, e que os sorrisos voltem a ser descobertos.

Com carinho,
Ohana

Florianópolis/SC, 08 de setembro de 2020

Olá, pequeno(a) leitor(a),

Hoje escrevo sobre um momento muito difícil. Você sabe o que é isolamento? Quando a gente diz que uma pessoa é mais isolada, quer dizer que ela não gosta de sair muito, que gosta de ficar mais no cantinho dela, longe das pessoas, por escolha. Eu fiquei isolada na minha casa, mas eu não queria. Na verdade, o mundo todo ficou. E ainda estamos. Tudo culpa de um vilão, ele que prendeu as pessoas nas suas casas. Ninguém sabe direito como ele surgiu, nem como ele foi embora. Isso se ele já foi embora mesmo, pode ser que ainda esteja escondido por aí...

O que eu sei é que esse vilão é invisível. E se chama Corona. Por causa dele, muitas pessoas ficaram doentes, algumas já não estão mais aqui. Por causa dele, as escolas fecharam, os shoppings fecharam, as lanchonetes fecharam, os parques fecharam... As pessoas só podiam sair pra ir no mercado ou no hospital/farmácia. E tiveram que fazer tudo dentro de casa: estudar, trabalhar, brincar, tudo usando uma tela (celular, computador, televisão). Não podia nem sair pra ver os amigos e a família.

SUMÁRIO



Hoje já podemos sair mais, mas tudo com muito cuidado. Tem que ficar 3 braços de distância das pessoas e usar máscara para cobrir o nariz e a boca (esses são os lugares favoritos do Corona). Tudo isso para se proteger desse vilão. Até então, descobrimos uma coisa de que ele não gosta: álcool em gel. Por isso onde as pessoas vão, elas levam e passam nas mãos várias vezes.

Espero que quando você estiver lendo essa carta, o Corona já tenha sido destruído! E que todo mundo já possa sair pra onde quiser, com quem quiser. Cuide-se sempre e viva a vida! Hip hip, hurra!

Um abraço,
Juliana Koerich

SUMÁRIO

Florianópolis/SC, 14 de outubro de 2020

Pequena Alice,

Te escrevo em outubro de 2020. Que ano esse, né? Que confusão! Parece que, ainda ontem, brincávamos de "brilha-brilha" juntas na escola em todas as manhãs, mas já faz quase um ano que não nos encontramos mais.

Em março, as nossas aulas foram suspensas e até hoje ainda não sabemos quando poderemos retornar. Sem muitas explicações, um vírus fez com que nossos hábitos de convivência mudassem drasticamente. Estamos mais distantes do que nunca e os abraços e beijos nunca fizeram tanta falta.

Não sabemos o que vai acontecer a partir de agora, mas o que quero te dizer hoje é que, apesar da saudade dos amigos e das professoras estar grande, você precisa lembrar que, em breve, tudo isso será apenas um capítulo de nossas vidas e, talvez, por você estar vivendo isso na infância, não se lembre exatamente de como tudo mudou.

A máscara e o álcool gel estão presentes na nossa rotina. Espero que quando você ler essa carta, já não precisemos mais usá-los com tanta frequência.

SUMÁRIO



A criança que você é hoje vai estar sempre com você, faça dessa criança a sua prioridade. Saiba escutá-la e seja fiel a ela porque só assim poderás fazer a diferença. Honra-a, respeita-a e preserva-a.

Você veio para esse mundo para demonstrar a sua força e o contexto em que vivemos pede por isso, em todos os sentidos. Saiba ouvir os seus sentimentos e priorizá-los, ser fiel a essa voz dentro de você acima de qualquer outra pessoa. A voz dentro de você é a guia que vai te acompanhar pelo resto da vida e é ela quem sabe o caminho, basta escutá-la.

Com carinho,
Constância
(sua prof do GL)

SUMÁRIO

Florianópolis/SC, 17 de setembro de 2020

Olá crianças, espero que se encontrem bem!

Talvez você seja meu neto, meu parente, ou seja amigo de algum familiar meu... Talvez não tenhamos nenhum tipo de ligação geracional, mas quero trazer notícias de um passado que você não viveu.

O ano era 2020, começamos ele normalmente, festa de ano novo, carnaval, aulas, mas repentinamente uma notícia se espalhou que havia um vírus sendo transmitido rapidamente na China e que estava atingindo outros países. Tudo foi acontecendo muito rápido, o vírus chegou ao Brasil, o medo foi algo bem presente nesse período, precisamos nos afastar dos que amávamos para protegê-los, esquecer o abraço por um tempo, fomos bombardeados com tomadas de atitudes que normalmente não teríamos. Já imaginou passar por um parquinho vazio e não poder brincar nele? Ou passar por um coleguinha e não poder dar um abraço, conversar com ele? Nós passamos por situações assim, não víamos nossos amigos, não tínhamos contato com pessoas amadas. Havia pessoas passando necessidade, não tinham como custear o básico, havia pessoas perdendo suas vidas, foi muito triste. Apesar de ter contado tudo isso, quero trazer uma outra perspectiva, vista de forma

negativa por muitos, mas é a minha perspectiva. Diante de todos esses acontecimentos pessoas se levantavam para mudar a realidade à medida do possível, do que estava ao alcance, sabe como? Elas se mobilizavam para entregar cestas básicas, produtos de higiene pessoal, enfim, aquilo que era necessário para as pessoas que estavam sofrendo ainda mais por causa das condições apresentadas. Essas pessoas tentavam levar amor e escrever poesia no caos. Uma vez recebi uma ligação de uma pessoa que estava discando números aleatórios para trazer uma palavra de esperança e perguntar se podia de alguma forma me ajudar. Outras pessoas começaram a ajudar outras pelas redes sociais, ou seja, de alguma forma tentavam levar amor, era como se esse vírus as privasse de tudo o que era comum menos o amor, não podiam tocar os corpos, mas podiam aquecer o coração de outros de formas diferentes.

Crianças, independente da realidade que vivam, não esqueçam de ter empatia e serem corajosos, existem lugares que só você chegará e você pode mudar esse lugar para melhor ou não. Tem uma pessoa que gosto muito que diz que podemos ir tão longe quanto nossa mente permitir, se você pensa que pode, você pode. Se pensa que não pode, você está certo.



Entenda, criança, que terão muitas versões do que aconteceu aqui, vocês devem ser criteriosos ao acreditar no que cada um diz.

Um grande abraço de alguém que sabe que vocês não são o futuro da nossa geração, são o presente!

Aline Neves

SUMÁRIO

Ubatuba/SP, 10 de setembro de 2020

Para uma futura geração.

Já começo esta carta desejando que o mundo de vocês esteja melhor do que se encontra hoje. Nós dormimos uma noite, e acordamos em meio a uma pandemia, um vírus chamado Covid-19 tomou conta do planeta e virou ele de ponta cabeça, mas por incrível que pareça, esta não é a pior coisa que habita a terra atualmente. A Covid-19 nos fez parar, e olhar para além do nosso próprio umbigo, nos fez refletir que na verdade ele era a ponta do iceberg, e que já estávamos doentes há muito tempo, começando pelo número de mortes por fome, que é de 12 mil pessoas por dia. Onde já se viu pessoas morrendo por não terem o básico que é a comida? Bem, isso acontece por conta da desigualdade social que assola o planeta hoje em dia, mas ninguém se espanta mais com esse número, pois somos condicionados a pensar em nós mesmos, a resolver os nossos problemas, mesmo que tenhamos tempo para ajudar alguém, devemos usar este tempo para nós, sempre cada um por si, esse é o lema que nos destruiu.

Também pergunto em que momento paramos de nos preocupar com a natureza, ela nos dá tudo o que temos, cada recurso, e até mesmo o ar que respiramos, a comida

SUMÁRIO

que comemos, a água que bebemos, deveríamos cuidar dela, certo? Mas em vez disso, o desmatamento é cada vez maior, o número de animais extintos cresce a cada dia, e a lógica é "lucrar", é ganhar dinheiro. Será que ninguém parou para pensar que dinheiro não alimenta? Ele pode comprar comida, mas do jeito que está, de onde vamos tirar comida?

Parece que evoluímos tanto, que estamos andando para trás e, por isso, escrevo esta carta para vocês. Não sei como o mundo está no tempo que vão ler esta carta, mas lembrem-se sempre, o planeta é nosso! Temos que cuidar uns dos outros, temos que cuidar da natureza e dos animais, se não dermos o primeiro passo, quem vai dar? Quando vai dar? Será que temos esse tempo?

Espero que de alguma forma eu tenha provocado uma força, uma esperança em vocês. Acredito que estamos aqui para transformar os lugares que passamos, e juntos somos mais fortes, então se juntem, se organizem, e façam! Mudem a sociedade doente que estamos vivendo, mudem por vocês, pela sua família, pelos seus amigos, pelos vizinhos, por todos!

O mundo é de todos nós, mas a diferença é de cada um, então sejam esta diferença!!!

Mariana Aguiar Sanchez

Florianópolis/SC, 10 de setembro de 2020

Caras futuras crianças,

Venho do passado para relatar a primeira pandemia em que vivi, aos meus dezenove anos e morando em Florianópolis. Está sendo uma época conturbada, começou em março de 2020 e não sei quando acabará. Vivendo no Brasil, todos sabem como o carisma é algo presente no nosso cotidiano e como abraçar alguém que encontramos na rua, como nossos amigos e familiares, é algo natural. O que mais me assustou no começo de tudo isso era ficar longe da minha família, que vivia em São José dos Campos, no estado de São Paulo, por não poder sair da cidade em que fazia faculdade de Pedagogia e por não poder me encontrar com pessoas que amo. Achei que duraria no máximo três meses e que depois tudo "voltaria ao normal". Nos primeiros meses, tentei me acostumar com o novo normal, todos de máscaras, isolados em casa, saindo só para ir ao mercado. Meus sentimentos estavam à flor da pele, lidar com o emocional, principalmente nos meses iniciais, era algo muito complexo. Fui criando uma rotina de cuidados básicos, como ler mais, cozinhar, escrever muito, dançar sozinha, costurar, praticar yoga, meditação, entre outros. Lembrando que apenas conseguia fazer todos esses cuidados porque tenho muitos privilégios. No

SUMÁRIO

SUMÁRIO

mesmo tempo em que conseguia ter esses cuidados, muitas pessoas precisavam continuar com seus trabalhos para poder sustentar a família, correndo risco de vida. O cenário era caótico, número de infectados aumentando consideravelmente a cada dia e pessoas indo a óbito. Ler as notícias me deixava completamente desestabilizada, até que me isolei um pouco do mundo virtual, o que me ajudou de certa maneira, porém, infelizmente, aquele era o cenário presente. O presidente da época, Jair Bolsonaro, não ligava para a quantidade de mortos, acreditava que tudo estava sob controle e que as coisas precisavam continuar; e acabamos por um tempo até ficando sem o ministro da saúde, lembrando que estávamos vivendo em uma pandemia. Depois de alguns meses, quando fui lidando melhor com os meus sentimentos, precisei começar a trabalhar porque o dinheiro estava curto, problemas familiares e problemas do mundo. Comecei a trabalhar de babá de segunda a sábado e estava esgotada, a casa da criança era bem longe da minha e precisava pegar transporte coletivo, confesso que tinha muito medo de pegar e passar para a família e para minhas amigas que moravam comigo. Depois de dois dias trabalhando recebo uma ligação dos meus pais dizendo que minha avó paterna estava internada porque havia pegado Covid-19, naquele momento meu mundo caiu. Quando achei que estava mais estável emocionalmente me vem essa notícia! Trabalhar e

ter que digerir tudo o que estava acontecendo me deixava exausta, depois de alguns dias cheguei em casa à noite e como de costume fui conversar com meus pais. Terminei a ligação com a minha mãe chorando muito por todos os acontecimentos do momento e tive minha primeira crise do pânico, foram 2 horas de choro, vômitos, gritos e socos. Quando a crise acabou só parei para refletir o quanto exausta eu estava de tudo e decidi pedir demissão do trabalho. Parecia que um peso havia saído das minhas costas. Alguns dias se passaram e minha mãe me ligou com uma voz de choro dizendo que minha avó havia falecido... Eu não tive reação, não queria encarar a realidade. Depois de alguns minutos de silêncio, outra crise aparecia, mas dessa vez minhas amigas já sabiam como me ajudar e em cinco minutos estava mais calma. Os dias passavam e eu tentava cada vez mais reorganizar as coisas da minha vida, tudo fluía da maneira que dava, sem cobranças, sem julgamentos com o meu próprio eu e me acolhendo. As aulas da faculdade voltaram de um jeito tanto peculiar, sendo realizadas pelo computador, mais conhecido como ensino à distância... Tudo o que eu menos queria. Por fim, encontrei um grande amor, o que me dava mais leveza e esperança pra continuar na luta contra os problemas do mundo e a minha própria pessoa.

Ana Beatriz

Florianópolis/SC, 15 de setembro de 2020

Carta às crianças do futuro.

Olá pequeninos terráqueos!! Eu estou vivendo em meio a uma pandemia, você já ouviu falar dela?

Pretendo contar um pouquinho dela para vocês, mas antes gostaria de perguntar, como anda a sua rotina? Vocês têm se alimentado bem? Feijão tem que comer inteiro, não só o caldinho!! Mas se você preferir o caldinho, pode amassar todos os bagos de feijões que tem no seu prato, sabia que quando a gente esmaga eles, muda o sabor? Tentem aí!

Do que vocês têm brincado? Jogos virtuais são muito divertidos, mas brincar na terra, pular e correr faz o seu corpo liberar químicas boas, elas são coisinhas bem pequenas que correm na corrente sanguínea e alcançam o nosso cérebro, que fica lá dentro da cabeça, o cérebro adora essas químicas, tanto que ao entrar em contato com elas, a resposta dele é produzir uma sensação de bem estar no nosso corpo, o cérebro é o que nos faz ser inteligentes e é ele que faz todo o nosso corpinho se mexer, ele comanda tudo! Quando você mexe o dedinho do pé, é ele quem envia sinais muito rápidos pro seu pezinho! E se você não tem ou não consegue mexer o pezinho, não tem problema com

SUMÁRIO

seu cérebro, ele pode ser tão inteligente quanto qualquer outro, é ele quem faz seus olhos piscarem!! Você pisca sem precisar fazer força ou lembrar de fazer isso, porque ele é tão inteligente que faz isso sozinho, por conta própria, ele é muito independente e um dia você também vai ser, por isso é tão importante alimentar o seu corpinho e o seu cérebro e pra isso é preciso comer comidas que brotam na terra, plantas! Como o feijão, o brócolis, a cenourinha e assim vai... Pro corpo poder produzir químicas boas e depois de descansar a barriguinha, fazer atividades físicas pra poder liberar essas químicas e alimentar o cérebro com elas, não deixa esse cérebro passando fome não, cuida bem dele!

Eu por aqui estou cuidando muito bem do meu, eu tomo bastante água pra ele não ficar com sede. Mas tem sido difícil ter aquela sensação de bem estar... O meu corpinho todo sente falta de poder brincar e tomar banho de rio, de mar. Sinto falta de abraçar minha mamãe e meus amigos e amigas.

No tempo que eu estou vivendo agora, um vírus está nos obrigando a ficar longe das pessoas, nós temos que ficar isolados em casa, para caso a gente esteja com ele não o passe para outras pessoas que não estão, fazendo elas ficarem doentes.

Nós temos nos protegido com máscaras, usamos máscaras para sair na rua, para ir ao mercado, para fazer de tudo. Ela cobre nossa boca e nariz, porque é através da respiração que esse vírus consegue penetrar o nosso corpinho. O nome dele mais conhecido por aqui é Covid-19.

Um vírus minúsculo que nem conseguimos enxergar conseguiu tomar conta do planeta! Ele viajou de avião da China para muitos outros países, fez o mundo inteiro ficar doente, ainda mais as pessoas que não comiam e não se exercitavam bem... Nós perdemos muitas crianças por causa desse vírus... Muitas mamães e papais choraram suas perdas, muitas crianças também choraram por perder a vovó e o vovô, eles são muito velhinhos e não resistiram a esse temível vírus.

A gente perdeu vidas muito importantes, que poderiam construir grandes coisas para a sua geração... Então acaba que mesmo que você não conheça nenhuma dessas pessoas, você também pode ter as perdido... Porque elas poderiam ser cientistas e inventar a cura de alguma doença, ou ser professores e tantas outras profissões que fazem a diferença na nossa vida.

Cada ser humano no mundo importa muito, mesmo que a gente tenha nossas pessoas favoritas, como eu tenho a mamãe; quem não faz parte das nossas pessoas favoritas

também importa! E a gente deve buscar cuidar de todas as pessoas do mundo, até as que foram presas por fazer algo ruim, afinal quando a gente é bem cuidado isso possibilita que a gente consiga perceber que aquilo foi errado, nos arrepender e procurar fazer diferente da próxima vez, fazer algo melhor para a nossa sociedade. E para cuidar de todas as pessoas, principalmente de todas as crianças do planeta terra, é preciso que no futuro você lute para que elas possam comer bem, tomar água, ter uma casinha e uma cama para dormir, ter roupinhas para não passar frio... E ter acesso à educação!!! A educação vai possibilitar que o cérebro se alimente de conhecimento também e ele ama conhecimento! Com o conhecimento as pessoas crescidas conseguem, por exemplo, se transformar em astronautas, construir foguetes, ser cientistas e achar uma fórmula super secreta que pode virar vacina e matar esse vírus maligno, que hoje em dia me impede de ver a minha pessoa favorita no mundo, minha mamãe.

Eu acredito que se as pessoas das gerações passadas e da minha geração tivessem se unido e trabalhado de verdade para garantir acesso à educação e outros direitos básicos como, por exemplo, ter uma casinha de verdade, esse vírus não teria feito tantas pessoas virarem só lembranças... A gente não consegue abraçar lembranças, dói muito ficar longe de quem amamos e dói muito saber

SUMÁRIO

que tem tantas pessoas sem casinha pra se protegerem, sem água na torneira pra lavar suas mãozinhas e matar os vírus, sem comida pra deixar o corpinho forte e protegido... Essa realidade injusta só vai acabar quando um montão de gente se unir para mudar ela.

Sabia que você pode ser voltar contra as injustiças e ser um super herói ou uma super heroína da vida real, que salva as pessoas? Você só precisa focar agora em cuidar bem da sua saúde para crescer forte e poder alimentar o seu cérebro com conhecimentos que vão te ajudar a salvar as pessoas que sofrem com esse mal tão grande e perverso, que é a falta de sensibilidade e cuidado com os outros, mesmo que esses outros não sejam sua pessoa favorita.

E por aqui eu me despeço, espero que você possa brincar mais de verdade, mexendo esse corpinho todo!! Fica bem e se cuida, você é importante pra futura geração, estamos contando com você quando crescer! Tá bem?

Um abraço de urso bem forte da Bruna Vitória de Souza, 23 anos, trabalhando para ser educadora e transformar as vidas de crianças pequeninas como você.

Bruna Vitória

Biguaçu/SC, 18 de setembro de 2020

Meu nome é Tatiana, mãe do Pedro Henrique, de 4 anos, e da Roberta, de 3 anos. Além de mãe, sou estudante de Pedagogia e tento encontrar uma ressignificação do ser e estar neste mundo.

Meu recado aqui vai às crianças que virão, e não pense que é fácil falar sobre o que estamos vivenciando nesta década, uma crise constante entre ideologias e forças, vírus mortais como o Corona e H1N1, provocados/criados pelos próprios seres "humanos" intencionalmente e matando milhares de pessoas pelo mundo inteiro. Grandes laboratórios que poderiam estar atuando na criação de vacinas, recuaram e estão investindo no que traz mais "lucros", por exemplo, em medicamentos para doenças do coração, doenças da psique como a ansiedade e depressão e/ou estimuladores já que vivemos 24 horas "conectados".

Um tempo de introspecção e "repensares" sobre nossa existência e o que estamos deixando pra vocês!

Não consigo pensar em muita coisa agora, pois, já são 20h20min e dormi apenas 4 horas a noite passada, já fiz 3 leituras de textos grandes e sínteses dos mesmos, o Pedro Henrique e a Roberta estão correndo ao meu redor

SUMÁRIO



com uma energia linda de se ver, mas estressante pra quem tem que escrever, a televisão está ligada e o jantar está no fogo (e nem chegou a hora do banho e sono das crianças ainda, aí vai ser mais uma, das inúmeras pausas que vou fazendo ao longo das "produções textuais") sabendo que hoje vou até, no mínimo, 2h da manhã, fazendo relatório, vendo "Lives" e um documentário e que amanhã (sábado) vou trabalhar de manhã e tenho que acordar cedo, não vou me alongar muito aqui!

Só digo a vocês, tomara que vocês não nasçam pobres. E tomara que vocês possam se defender da hipocrisia desse mundo!

Tatiana Xavier Da Silva

SUMÁRIO

Florianópolis/SC, 09 de setembro de 2020

Olá, criança do futuro.

Atualmente, em 2020, estamos vivendo um momento que nunca pensávamos viver antes, como usar máscaras para sair de casa. Nenhuma escola está aberta, e as aulas estão sendo online, que estranho não é mesmo? Ficar parado em frente ao computador sem ver nossos colegas, sem hora do recreio.

Infelizmente estamos vivendo desta maneira, quando temos dúvidas em nossas tarefas, são nossos familiares que auxiliam nas nossas atividades. Acredito que isso seja passageiro, mas um ponto positivo que tivemos com a pandemia é que passamos mais tempo com nossos familiares, vemos filmes, brincamos, coisas que antes da pandemia não tínhamos muito tempo para isso.

Algumas pessoas perderam os familiares para a doença. Não se preocupe, já inventaram uma vacina, tudo passou, agora vemos a importância da sala de aula, dos nossos colegas, de abraços, das nossas brincadeiras, e a importância de cada momento vivido.

Larissa da Silva Machado

Biguaçu/SC, 03 de setembro de 2020

Criança do futuro.

E neste momento, uma de nossas principais características encontra-se suspensa, fazendo-nos repensar quem somos. Afinal, o que está acontecendo? Por que está acontecendo? Para onde tudo isso nos levará? Quanto tempo isso durará? E tantas outras perguntas que não estão sendo nada fáceis.

Já sabemos que ninguém está imune ao coronavírus, mas que alguns grupos serão mais vulneráveis a ele, podendo levar a consequências fatais. A forma de nos defendermos passou a ser um exercício coletivo de proteção. Estamos todos sendo instruídos a nos unirmos para melhor enfrentarmos o vírus, fazê-lo circular o mínimo possível até que surjam formas efetivas de eliminá-lo, como vacina e medicamentos.

Não poder abraçar, sair, passear ou até mesmo brincar; as crianças se tornando uns robôs dentro de casa, pois ficam somente na TV ou até mesmo jogos em celular, sendo que podiam brincar com seus amiguinhos. Espero que isso acabe logo e que em breve estejamos todos juntos de novo nos divertindo, se abraçando.



Serve lembrar que conforto, aconchego, colo, carinho, abraço seguem sendo "alimentos" fundamentais da alma, sejam eles físicos ou virtuais. Por isso, cuidar da nossa saúde e da dos demais é cuidar do corpo e da mente, eles são elementos de um ser!

Andressa Neves

SUMÁRIO

São José/SC, 17 de setembro de 2020

No primeiro ano as coisas estavam lindas. Mamãe falou que as pessoas estavam com os olhos brilhando de tanta alegria, ela dizia que a esperança causava isso. Mesmo eu não entendendo muito o que era esperança, apenas sorria com os olhos sempre que ouvia essa palavra em suas histórias. Tudo era bom, ainda mais quando no segundo ano todos se reuniam para festejar em um tipo estranho de reunião onde todos brilhavam embaixo do Sol e usando fantasias.

Foi nessa festa que eu descobri o calor que só o nosso país conseguia emanar naquela época, as roupas eram poucas, mas nossos corações aqueciam uns aos outros com toda aquela energia, música e felicidade. Dizem que tem gente que não gosta desse momento, sou novo ainda para falar, mas se eu pudesse mostrar pra essas pessoas o que elas estão perdendo, de certo eu sei que faria.

Aos três anos pensei que tudo seguiria na mesma intensa alegria que foi o meu segundo, porém, com a tal da esperança que todos tinham lá no meu primeiro. Me esforcei bastante para seguir assim, admito, mas algo mudou.

Um grande mal se aproximou de nós e nos fez ficar escondidinhos, cada um no seu canto. Papai olhava a TV todo dia antes de sair pra trabalhar, e dizia que isso iria passar. Um moço na TV dizia que era só uma gripezinha e que não pegava em atletas, mas afinal de contas, o que era um atleta?

Enfim, resolvemos curtir nossos momentos juntinhos. Meus quatro aninhos chegaram, mamãe e papai começavam a se desentender, um dia ela falou pra mim que a tal da esperança que ela me falava era o que ela não tinha mais no papai. Eu segui sem entender, mas a abracei o mais forte que pude enquanto ela molhava os meus ombros com suas lágrimas. A TV passou a não ser um bom lugar para olharmos, papai dizia que ela parecia a janela do inferno... Mamãe o repreendeu esse dia, falou que esse nome era feio.

Meus 5 anos chegaram, as pessoas não paravam de sumir, as que restavam usavam algo no rosto que fazia cócegas no nariz hahahaha mas eu sempre tirava do rosto quando meus pais não estavam olhando.

Aos 6 anos vi um moço um dia na TV andando a cavalo enquanto vários estavam chateados por ter perdido alguém. Mamãe chorou de novo e papai eu não vi mais...

Acordei no meu aniversário de sete anos e como papai fazia antes de sumir, eu liguei a TV: "George Floyd, queimadas, protestos, prisão, homicídio". Eu não entendia o que significava tudo aquilo, mas as pessoas chorando como mamãe fazia há dias antes de dormir, me fez pensar que tudo aquilo não deveria ser algo bom, assim seguiu durante meus 7 anos.

Pulei da cama em uma segunda feira e fui pra casa da tia Márcia, mamãe estava bonita naquele dia, uma bela roupa preta e o rosto com maquiagem. Ela disse que logo voltaria, e logo depois de molhar meus ombros, saiu apressada sem me olhar nos olhos. O moço da TV disse "será que devemos perder a esperança?".

Naquele momento pensei no que mamãe havia dito e fiz um belo desenho para ela, coloquei muito pó brilhante como nos meus 2 anos e dei muitos beijos como ela sempre costumava receber de papai. O dia demorou a passar, vi desenhos, comi biscoitos com leite, afinal eu já era mocinho, tinha 8 anos.

- Mamãe eu sei do que você precisa. Pegue.

Ela molhou meus ombros outra vez, me abraçou com força e fomos pra casa onde eu a vi sorrir pela primeira vez em muito tempo. Dias depois a campainha tocou e na

SUMÁRIO

rua tinha um carro preto e pude ver entre as cortinas da janela que alguns homens de máscara e roupas que cobriam todo o corpo saíram dele. Corri para avisar mamãe que me disse entre lágrimas que eu deveria ir para meu quarto e esperar. Ouvi um grande barulho, em seguida ouvi palmas e logo se fez um silêncio que foi quebrado pelo barulho da porta.

- Cadê o meu abraço?

Era papai, um pouco mais magro e sentado em uma cadeira com rodinhas. Ele segurava meu desenho com brilho e letras grandes, corri na sua direção e com muita força o abracei enquanto mamãe seguia chorando sem parar.

Os anos seguiram e logo tudo voltou ao normal. Mamãe e papai estavam mais unidos do que nunca. Todos nas ruas pareciam festejar fora de época e diziam que a vida merecia ser vivida. Da porta da geladeira, meu desenho que ficou com papai por um longo tempo não saiu. Nossos anos foram difíceis, diferentes, estranhos, mas aquele desenho com brilho e letras grandes serviram para ajudar papai e mamãe de alguma forma então talvez ele possa te ajudar a enfrentar qualquer coisa também.

SUMÁRIO



Não desista nunca, tenha dúvidas sempre e ame o máximo que puder. Como a mensagem no meu desenho que está colado na geladeira sempre diz, tenha: ESPERANÇA.

Tudo um dia passa e nos ajuda a crescer.

Ass.

Brasil 2020

Wallace Belizário Almeida dos Santos

SUMÁRIO

São José/SC, 17 de setembro de 2020

Olá crianças do futuro, aqui quem fala é Darlei Alves, um jovem de 20 anos, estudante de Pedagogia no ano de 2020.

Bom, para começar gostaria que você se sentasse, pois o que irei descrever é longo, mas prometo tentar ser o mais breve possível.

O ano é 2020, o início do ano foi perfeito, sol e praia, festas, carnaval e muita diversão. As aulas começaram no dia 05 de março, após 2 semanas de aula veio a quarentena, aulas suspensas e todos dentro de casa. Acredito que isso já esteja em seus livros de História, se não, recomendo vocês pesquisarem na internet "coronavírus no Brasil" e vocês verão quantas pessoas perderam suas vidas; recomendo pesquisarem também "o pior presidente do Brasil", por causa dele o número de mortes chegou onde chegou. Mas enfim, estou agora escrevendo essa carta, em minha casa, de quarentena há 6 meses já, estou tendo aula online (EAD), como muitos jovens e crianças.

Bom, vou dizer para vocês, não é tão fácil, não está sendo fácil estudar em casa, é um pouco difícil sentar e me concentrar, sinto falta dos amigos, colegas de

SUMÁRIO

classe e professores, saudade de pegar ônibus e ter uma rotina. Nunca valorizei tanto o ensino presencial, os professores e vê-los e escutá-los pessoalmente. Mas por mais difícil que seja ter aula online, os professores estão se saindo bem, elaborando e preparando aulas e trabalhos legais, como essa carta proposta pela professora Monica Fantin. Valorizem a educação e os professores, eles merecem ser aplaudidos de pé, que além de elaborar toda uma aula, gravar videoaulas, buscar textos e vídeos para suas aulas, eles ainda se propõem a tirar dúvidas fora das aulas.

A quarentena, para mim, foi tempo de aprendizagem, não só aprendi com as aulas da faculdade, mas também aprendi a gostar da minha própria companhia, assisti muitas Lives gratuitas de influenciadores que são artistas (eu amo desenhar), nesse tempo me permiti ser mais criativo. Falando sobre criatividade, o que você gosta de fazer? Desenhar, cantar, dançar, escrever, praticar algum esporte? Independentemente do que você goste de fazer, eu te peço que não pare de fazer, seja criativo, estude e seja o que você quiser. Por quê se tem algo que eu aprendi nesse tempo de quarentena foi que ninguém pode ser impedido de sonhar e você tem que acreditar em si mesmo, tenha esperança e seja forte.



Saiba que estou aqui para falar que eu acredito em você, pois você é o futuro da humanidade. Então te peço, seja educado, respeite as pessoas, respeite as religiões alheias e respeite os corpos das pessoas. Seja uma pessoa criativa e sonhe, sonhe alto pois eu estou aqui te falando que acredito em você.

Se possível defenda a educação, preserve a natureza e os animais, e também gostaria de falar o que falamos para as pessoas nesse tempo de pandemia, beba água e lave as mãos.

Darlei Alves

SUMÁRIO

São José/SC, 16 de setembro de 2020

Olá pequenos leitores,

Me chamo Ana Júlia, e estou escrevendo essa carta em um dia ensolarado do mês de Setembro de 2020, em meio a uma pandemia que se alastrou em todo o mundo, em decorrência do coronavírus ou Covid-19, o significado do nome corona é por causa que o vírus é parecido com uma coroa. Tudo começou em dezembro de 2019, de uma forma silenciosa em uma cidade chamada Wuhan, na China, e chegou de uma forma devastadora no Brasil, em janeiro de 2020, como uma epidemia. Porém só nos demos conta de como ela era ofensiva em 11 março de 2020, quando ela se tornou uma pandemia. A causa dela ainda é muito desconhecida e até este exato momento que estou escrevendo não foi encontrada nenhuma vacina eficaz contra esse perigoso vírus que já matou muitas pessoas no Brasil e no mundo.

Estamos sobrevivendo em um verdadeiro caos e coisas que antes eram normais, hoje já são vistas de outra forma, como por exemplo, sair em uma noite descontraída com os amigos, sem se preocupar em voltar contaminado, não podemos nem se quer abraçar aquele amigo que não vemos há muito tempo ou sequer o vizinho que mora ao lado. Nesse contexto todo, muitas pessoas desenvolveram

SUMÁRIO



doenças, não só causadas pela Covid-19, mas também doenças psicológicas causadas pelo simples fato de não terem a mesma vida de antes e se sentirem sufocadas, infelizmente muitas pessoas usam isto como desculpa para sair neste momento que o que mais se pede é pra que fiquemos em casa e cumprirmos as regras sanitárias estabelecidas pela OMS (Organização Mundial da Saúde).

Espero que você, meu caro amiguinho, esteja em um situação muito melhor que nós estamos vivendo e, ao sair, não precise mais usar estas máscaras sufocantes que estamos usando hoje, espero que tudo que está acontecendo tenha servido como exemplo para vocês aí do futuro e que o mundo tenha mais empatia pelo próximo e pelas pessoas de baixa renda, pois infelizmente os que mais sofrem são elas, que não possuem estrutura necessária suficiente para conviver de uma forma que os protejam deste vírus. Espero que tenham encontrado a cura dele e que as pessoas estejam se cuidando mais, pois hoje com toda essa crise as pessoas insistem em descumprir as regras básicas como, por exemplo, se aglomerar e sair sem necessidade.

A maioria das pessoas descumprem as regras pois pensam que tudo não passa de uma farsa, organizada pelo Governo, mas não é bem assim, eu mesma já peguei

essa doença e senti na pele o que é isto. Ela parece ser uma gripe comum, mas os sintomas são um pouco piores, algumas pessoas, como eu, adquirem falta de ar, mal estar, dor de garganta, coriza, tosse e depois que tudo passa ainda ficam com sequelas, como eu que fiquei com manchas avermelhadas na pele, que crescem que nem uma bolha d'água e depois secam e descamam. Só com o tempo agora para tudo isso passar, espero que para você que esteja lendo essa carta, seja apenas lembranças de um tempo horrível que o mundo inteiro passou, sofreu e venceu. Espero do fundo do meu coração que vocês já tenham encontrado a cura do vírus e que todas as pessoas que morreram por causa de tudo isso sejam lembradas para sempre.

Ana Júlia Alves Chaves

SUMÁRIO

Santo Amaro da Imperatriz/SC, 16 de setembro de 2020

Queridas crianças,

Gostaria de dizer que estamos vivendo tempos maravilhosos, de conquistas, avanços, mas não posso. Estamos vivendo tempos complicados, o mundo se encontra em meio a uma pandemia graças à Covid-19, acredito que já ouviram algo a respeito.

Me encontro em isolamento social, para você entender melhor, não posso ir à escola, fazer passeios e ver meus amigos, é algo bem chato mesmo. Fico em casa todo o tempo, alguns dias até parecem iguais, sei que me encontro assim há alguns meses e que a descoberta de uma vacina já foi anunciada o que significa que em breve todos poderão desbravar o mundo novamente, e em meio a tudo isso, uma pergunta se faz constante na minha cabeça: como a Rapunzel conseguiu ficar tantos anos naquela torre?

Sinto falta de sair na rua livremente sem ter que usar uma máscara como seu mais novo acessório obrigatório, sinto falta de poder abraçar e beijar as pessoas, de ir à universidade e estar com meus colegas e professores, sair e conhecer lugares, estar com meus amigos. Apesar de utilizar as redes sociais para conversar, estudar, nada supera o contato físico, passa muito longe na verdade.

SUMÁRIO

Nosso país está passando por um momento muito delicado, muitas pessoas foram infectadas e muitas outras não sobreviveram à Covid-19, além disso como se já não fosse o suficiente, enfrentamos uma grave situação econômica, ainda mais desigualdade social, desastres naturais que de naturais não tem muito, pois sabemos que a ação humana tem uma grande parcela de culpa, e dentre todos, o mais grave para mim: a falta de empatia entre as pessoas.

Sinceramente, eu espero que vocês estejam em uma situação muito melhor. Torço para que tenhamos conseguido reparar os erros e ter tornado nosso país um lugar digno e bom para todos.

O que eu posso dizer com toda a certeza e com todo meu coração é que vocês aproveitem ao máximo os momentos com suas famílias, seus amigos, suas aulas com seus professores, sei que logo poderei fazer isso novamente, porém se soubesse que um momento como esse aconteceria os abraços durariam mais, assim como as conversas e os encontros. Além disso, faço um pedido: tenham empatia um pelo outro, algo simples, mas que gera grandes mudanças.

Atenciosamente,
Emanoelle Karolline Assunção

Santo Amaro da Imperatriz/SC, 17 de setembro de 2020

Queridas crianças do futuro...

O atual presente está uma loucura que só, sempre pensei em como seria importante e bem bacana viver um marco histórico e aqui estou eu vivendo numa pandemia, que vai ser lembrada por todos, mas não parece ser tão bacana assim, ainda mais estando isolada da minha família e dos meus amigos, só podendo ver por videochamada, mas o abraço da mãe é bom, né? E faz muita falta ainda mais quando tudo pode mudar a qualquer momento. Até ganhamos um novo acessório para andar nas ruas que são as máscaras, todo mundo está usando, quando vamos na rua, no mercado, no médico, tudo isso para não passar esse vírus, que causou isso tudo.

Espero que vocês estejam muito bem já, que isso tudo tenha passado e que também estejam se cuidando e brincando, porque assistir televisão é bem legal, né? Mas hoje não é mais, só passam notícias ruins sobre o aumento do preço dos alimentos, das mortes por dia, assim espero profundamente que tudo já esteja bem e que o mundo tenha melhorado e que vocês possam sair na rua e brincar, porque parece legal só ficar dentro de casa, assistindo televisão, jogando videogame e mexendo no celular, mas

SUMÁRIO



depois de um tempo cansa e tudo o que você quer é poder sair e encontrar os amigos e poder abraçá-los, então se vocês podem já fazer isso, aproveitem, brinquem na rua, saiam com os amiguinhos, abracem muito e vivam, mas vivam bastante e aproveitem ao máximo que puderem, pois uma coisa que isso tudo que está acontecendo tem me ensinado é que o futuro não nos pertence e que em vez de vivermos pensando que temos tempo, temos que pensar em viver o presente agora e não no que vamos fazer amanhã, o futuro é de vocês, mas o presente também é.

Com carinho,
Sabrina Edna Sacco

SUMÁRIO

Biguaçu/SC, 17 de setembro de 2020

Olá crianças,

Meu nome é Beatriz, sou estudante do curso de pedagogia na UFSC. Venho por meio desta carta contar um pouco do que estamos passando esse ano. Como vocês já devem ter ouvido falar, o ano de 2020 não foi um dos mais fáceis para a humanidade, enquanto estou trancafiada dentro da minha própria casa sem saber o dia de amanhã por conta de uma pandemia, eu imagino qual será o futuro que lhes aguarda...

Então estamos aqui lutando para dar o nosso melhor para vocês, mesmo longe um do outro, não paramos de tentar formar uma sociedade melhor, estamos todos juntos nessa.

Atenciosamente,
Beatriz Galliani Marcelino

SUMÁRIO

Florianópolis/SC, 14 de setembro de 2020

Para as crianças do futuro.

*A vida não nos dá um propósito.
Nós é que damos um propósito à vida.
(The Flash - DC Universe)*

Queridas crianças, venho por meio desta carta deixar registrado momentos guardados em memória, mas também falar um pouco sobre essas vontades que venho sentindo, não é qualquer vontade, nem mesmo pequenininha, aquela vontade que vem e logo passa; é vontade que cresce e não para mais. Peço que entendam esse momento de aflição, pois os dias por aqui não estão nada fáceis, nem mesmo tenho certeza de que no dia seguinte eles estarão. Saudades da liberdade, do vento no rosto e de um aperto de mão, saudades de ver as pessoas bem, um sorriso, um bom dia, que logo aquecia o coração. Foi tudo tão repentina, apenas me lembro de acordar e os dias parecerem estar se repetindo, os abraços já não eram tão quentinhos, os ponteiros do relógio, bom, esses pareciam ter desistido, não passavam de jeito nenhum, nem mesmo com um empurrãozinho, e olha que de tudo fiz um pouco, uma boa leitura, passei os dias a cozinhar, aprendi coisas novas e voltei a fazer coisas que pareciam não sobrar tempo, como quando era criança e

SUMÁRIO

gostava de escrever, escrevia poesias e também histórias, passava o dia escrevendo algumas prosas. Sabe, nem todas as crianças ficaram bem nesse momento, algumas nem mesmo têm um brinquedo para brincar, outras ainda precisam trabalhar, eu espero que você, pequeno leitor, esteja bem, protegido e cheio de saúde, pois aqui o tempo passou, muita coisa mudou, mas a fome com esse vírus aumentou, as brincadeiras de algumas crianças ficaram quadradas, resumidas na tela de um celular, mas aquelas que nem isso tem estão presas dentro de casa, com olhares tristes debruçados sobre a janela, na esperança de que algum dia isso possa acabar. Lembro-me da minha infância, dos dias jogando bola, e até dos bichos de pé e as brincadeiras na rua de casa, hoje as ruas estão tão vazias que consigo ouvir o barulho dos carros, ao invés das risadas com gostinho de infância. Como está por aí, você tem ido à escola? Aqui as crianças contam os dias para que voltem a frequentar, então valorize esses momentos, aproveite para mergulhar no conhecimento, pois quando eu tinha 10 anos sonhava em crescer e hoje a única vontade que não para de crescer é a de ser criança.

Mil beijos e abraços quentinhos!!!
Irraela Honorato

Florianópolis/SC, 13 de setembro de 2020

Para os pequenos seres humanos, ditos como o futuro da humanidade.

Venho aqui relatar um passado conturbado, onde tudo mudou da noite para o dia, mas antes disso desejo a vocês, crianças, um lindo dia, um dia onde as horas sejam aproveitadas da melhor maneira possível, com muito carinho, gratidão, amor e muitos, mas muitos, abraços. Pois não damos valor a tantas coisas vistas como normais que quando se acaba é como se sua luz apagasse e a esperança de um recomeço ou de uma volta esteja distante. É, pois é, estou falando do afeto que muitos gostam, mas às vezes não é demonstrado. Esse novo futuro que estão vivendo já foi repensado, transformado, visto que antes dele existir a nossa maneira de amar foi cancelada e jogada fora de cogitação por conta de um vírus chamado Covid-19, que tinha o poder de mutação, que veio e se alojou em nosso país, sem data e nem hora de partida. Onde a contaminação se dava através do social, da socialização, do toque, da fala, do afeto... Este afeto no qual muitos não davam a mínima, mas com a restrição não podíamos mais ser felizes em aglomeração com familiares ou amigos. O amor se dava a partir de zero contato, pois o contato

SUMÁRIO

podia transmitir o vírus e esse vírus muitas vezes podia matar quem amávamos. Mas antes dele vir o mundo já estava muito avançado com a tecnologia e as pessoas já passavam horas em frente da tela tecnológica. Pois é, mas ela não conseguiu substituir por inteiro o calor humano, o grandioso afeto demonstrado corpo a corpo. Então, para vocês futuros da humanidade, digo que nada no mundo supera o contato físico com as pessoas, tendo em vista que ficamos doentes em casa isolados e o número de pessoas com ansiedade, depressão e suicídio aumentou, pois o isolamento social é muito mais complexo do que imaginávamos, além de ter a pandemia, também piramos e desenvolvemos outras doenças. Muitas pessoas também morreram do vírus, ele foi denominado como calamidade pública, uma catástrofe em toda a humanidade. Espero que as pessoas tenham aprendido a ser mais solidárias e demonstrem mais amor, espero que o futuro tenha se desenvolvido para melhor e que as pessoas deem mais valor a tudo que o mundo nos oferece, pois não tem felicidade maior do que ser livre.

Atenciosamente,
Andressa Marques Prestes

Itajubá/MG, 16 de setembro de 2020

Olá queridas crianças,

Essa carta foi escrita no passado, em setembro de 2020. Esse ano tenebroso que me deixa muito curiosa em como contam sobre, aí no tempo de vocês. Mas já que não dá, contarei aqui pra vocês a minha vivência.

Comecei o ano muito bem, consegui um trabalho, tinha amigos e amigas por perto pra me divertir muito, ia para as aulas na UFSC e tinha finais de semana incríveis em meio da natureza maravilhosa de Florianópolis. Até que as coisas começaram a mudar, comecei a ouvir muito sobre um tal de coronavírus e que ele tinha causado muitas coisas em outros países, mas aqui no Brasil ainda não. Mas chegou. E tive que ficar longe de tudo isso, do trabalho, dos amigos e amigas e de Floripa.

Hoje já faz sete meses que vim para casa dos meus pais, em Minas Gerais, para ficar bem segura desse vírus que deixa as pessoas doentes, fracas e debilitadas. O motivo por eu ficar segura só em casa é porque esse vírus é transmitido pelo ar. Assim, se eu ficar em casa, o vírus não chega aqui. Mas é importante vocês saberem que não é todo mundo que está em casa. Muita gente precisa

SUMÁRIO

continuar a trabalhar para sobreviver e infelizmente colocando a saúde em risco. Por outro lado, também tem algumas pessoas que saem na rua, pois não acham que o coronavírus é prejudicial à saúde. Mas não é verdade, pois muita gente, muita gente mesmo morreu por causa dessa doença.

Eu espero muito que isso tenha passado rápido na visão aí de vocês, porque pra nós está parecendo que não vai acabar logo. Também espero que até o futuro tenhamos aprendido algo com isso tudo. Estamos esperando a vacina, para que as pessoas e familiares parem de sofrer com essa doença. Por enquanto, só saímos de casa com máscara, sempre passando álcool em gel nas mãos para ficarmos limpinhos e ficando em casa o máximo possível.

Peço que aproveitem muito pra abraçarem o quanto puderem e se divertirem em turma, tudo que não pudemos aqui em 2020.

Gabriela Angélico Resende

São Pedro/SC, 10 de setembro de 2020

Olá! Espero que você leitor, meu pequeno leitor, esteja bem.

Mando essa carta em setembro do ano 2020, na esperança de ser lida em dias mais ensolarados. Sigo com a confiança de ter sido bem-sucedida em meu plano euento a vocês sobre como o mundo se encontra neste momento.

Você sabia que o preço do arroz subiu um tanto que assustou a população nesses últimos dias? Pois é, logo ele, o arroz que está no prato de todos os brasileiros, parte essencial do nosso prato mais típico! Seu companheiro sempre nos dá susto, porém agora foi o golpe final. E isso tudo é efeito dessa loucura que vem acontecendo nos últimos tempos, no Brasil e no mundo.

Apresentando uma ideia geral do que vem acontecendo, estamos no meio de uma pandemia! Mas não se apavore, ela passará e permanecerá apenas nas memórias e nos livros de história. Você já ouviu sobre ela? Qual nome chique colocaram para marcar esse período? Bem, voltando ao assunto, essa pandemia foi causada pelo vírus Covid-19. Ele é altamente contagioso e as pessoas precisam estar distantes e de máscaras para se protegerem. A máxima

SUMÁRIO

ainda é a higiene! Lavar bem as mãos, já que o detergente destrói a camada protetora do vírus. Então, parece fácil resolver esse problema, não é mesmo? Porém, nem todo mundo tem ouvido as recomendações médicas e ao invés de ficarem em casa, em isolamento para conter o vírus até ser produzida uma solução científica (vacina), o povo fica circulando de lá pra cá, indo de shopping à praias, dizendo que estão se sentindo "sufocados" presos em casas, e pior!, nem a máscara querem usar!!

Aqui no Brasil essa patifaria e falta de bom senso se agravou pois nossos governantes, aqueles que deveriam guiar a população para situações mais favoráveis, foram escolhidos como se escolhe uma celebridade. Um homem bocudo, ignorante e desrespeitoso ganhou a presidência por dar voz àquilo de pior que temos, e infelizmente o número de papagaios repetindo o que ele fala e concordando com suas atitudes é fora do normal. Ele desrespeita as normas da saúde e higiene, sai na rua em meio à multidão sem máscara, ri da cara do perigo e leva consigo uma parcela ignorante da população que acredita em suas sandices. Estes, além de se colocarem em perigo colocam os demais, pois se pegarem a doença serão mais um transmitindo-a. Hoje contabilizam 129.522 mortes no Brasil, decorrentes do novo coronavírus, uma tragédia que não poderemos compensar.

"E por que o preço do arroz subiu tanto?", você me pergunta. É preciso, antes de mais nada, avisar que não foi só este preço que subiu e sim de tudo e todas as coisas. Com a pandemia a produção não tem a mesma eficiência, os gastos com armazenamento, transporte, venda, mão de obra, tudo aumentou. Isso se dá pois muitos estão cumprindo o distanciamento social, o que diminui a parcela trabalhadora, porém com a falha de tantos outros que não estão cumprindo, temos um número de mortes alto e gastos/preços altos, que não serão apenas temporários, pois parte da população que fica em casa não está suficientemente significativo.

Porém, no caso do arroz, a coisa é ainda mais feia! Nós brasileiros produzimos bastante arroz, não está em falta no momento, mas como no mundo a coisa também está feia e o dólar aumentou muito em relação ao real, escolheram vender pra fora, lucrar e deixar o povo sem ter o que comer! Afinal, não será o rico que passará fome, mas sim o pobre que tem o dinheiro contadinho para as compras do mês! Principalmente nesse momento onde muitos foram demitidos, e não vão ter mais golpinhos (uma forma carinhosa de chamar o real que usamos em 2020) para juntar e fazer a sua compra.

SUMÁRIO



Bem, mas não vamos só falar sobre coisas tristes. Creio que todos aqui estamos contando os segundos para chegar aí, no futuro, no depois de todos esses acontecimentos, na esperança por dias melhores, sem Bolsonaro na presidência e sem um vírus assassino nas ruas e espero que você possa me dar vislumbres dessas novidades em sua resposta.

Fico no aguardo!

Com amor e carinho,
Jayziela

SUMÁRIO

Florianópolis/SC, 17 de setembro de 2020

Futuras crianças,

Espero que se encontrem melhor do que a situação que nos encontramos hoje em meio a uma pandemia que apresenta o vírus Covid-19, privando a socialização presencial das sociedades, mostrando que em meio às desigualdades precisamos das ajudas uns dos outros e que todos teremos o mesmo fim. Pessoas estão morrendo e o nosso planeta também, enquanto vamos tirando a vida do nosso planeta ele recebe a vida de cada um de nós. Se tornem grandes pessoas e façam do nosso planeta um lugar melhor, ele é nosso.

Larissa dos Santos Cunha

SUMÁRIO

Imaruí/SC, 03 de setembro de 2020

Crianças do futuro.

Olá, espero que estejam bem.

Neste presente momento estamos enfrentando uma longa e mortal pandemia que virou o mundo aos avessos. As pessoas têm que ficar em casa, os adultos saem só para as necessidades básicas, muitas pessoas perderam seus empregos, os idosos estão em total isolamento, os jovens e crianças permanecem em casa tendo aulas online e não podendo brincar nas ruas com seus amigos, ou com amigos da escola, embora muitas vezes quisessem ficar em casa. Agora é diferente, sentem saudades e vontade de retornar suas rotinas, enquanto nos noticiários a maioria das notícias são negativas.

Todos estamos ansiosos pela criação de uma vacina para que possamos acordar desse pesadelo e nos reerguer, para que as crianças voltem a brincar nas ruas com seus amigos, a estudar, abraçar e ficar próximos de seus entes queridos que possam voltar a sentir a magia da infância, por isso aproveitem o que vocês têm!

Muitos beijinhos...
Camila da Silveira

Florianópolis/SC, 09 de setembro de 2020

Olá, você que está lendo agora deve estar na escola com muitos amigos e com a professora. Vim contar que há alguns anos as crianças assim da sua idade ficaram sem ir à escola, e sem poder ver seus amigos. Já parou pra imaginar como seria?

Tudo começou quando surgiu uma doença, sabe quando estamos com gripe? Então é uma gripe pior que essa que você já teve pode levar à morte, esse vírus contamina todos quando estamos muito juntos como se abraçar, apertar a mão, beijar, por isso que alguns anos atrás as crianças não puderam encontrar os amigos nas escolas e então ficaram fazendo atividades em casa, mas não foram só as crianças, os adultos também, foram proibidas festas, circulação de ônibus, comércio etc.

Para a prevenção desse vírus foram passadas regras para o mundo todo, como o uso de máscara, passar álcool em gel, lavar as mãos sempre que possível, principalmente quando chegar da rua.

Muitas pessoas perderam seus empregos, e ficaram vivendo de auxílio emergencial fornecido pelo governo. 2020 foi um ano bem complexo, mas no fim ficou tudo bem.



Voltaram as aulas e festas, depois de um tempo já não era mais obrigatório o uso de máscaras.

Aproveite seus colegas e professores, dê valor ao abraço e beijos em seus familiares, só sentimos falta quando perdemos. Bons estudos!

Raquel Natividade da Costa

SUMÁRIO

Palhoça/SC, 07 de setembro de 2020

Olá, soube que você gostaria de ler uma história, vou te contar uma que aconteceu comigo! Era uma vez um monstro que surgiu de repente e ninguém podia ver, era muito poderoso!

Descobrimos que podíamos lutar contra ele e que existia um escudo mágico, chamado máscara, assim ele não podia nos pegar. Tenho várias guardadas para te mostrar, vários modelos diferentes.

Mesmo sendo mágico ainda eram necessárias algumas outras coisinhas para combater o monstrengão, lavar bem as mãos e o uso de um superpoder, um líquido brilhante (OK, NÃO VOU MENTIR, ERA ÁLCOOL EM GEL MESMO).

Todo mundo usava os objetos encantados e quando ninguém esperava, ele tinha desaparecido! E foi assim que o monstro mais poderoso sumiu e ficou conhecido como CORONAVÍRUS.

PS: Ele não vai voltar, cuidamos dele!

Yasmin Pamplona Krautz

Florianópolis/SC, 03 de setembro de 2020

Querida criança,

Espero que esteja bem, com saúde e vivendo uma realidade muito melhor em relação a que presencio hoje. Estamos vivendo tempos de incertezas, medo e reclusão; isto por causa da pandemia da Covid-19. A Covid-19 trata-se de um vírus, ou seja, um "bichinho" que quando entra em contato com o corpo humano causa dores, falta de ar, febre e alguns outros sintomas que parecem muito com uma gripe, só que afeta o corpo de forma mais grave. Papai e mamãe ou então seus avós muito provavelmente estão presenciando este momento que é histórico em todo o mundo e compartilham do mesmo sentimento que eu.

No Brasil, desde março de 2020 estamos vivendo em quarentena, o que significa que devemos ficar em casa para não pegar esse vírus e para que também não passemos para outras pessoas. As crianças não têm ido para os parques, para a escola e nem na casa da vovó. As aulas passaram a ser feitas através de um computador ou celular e quase não podemos encontrar nossos colegas. Mas não olhe para isso como uma coisa ruim, pois só estamos fazendo isso para proteger aqueles que amamos, em especial os mais velhinhos. Outra maneira de nos

SUMÁRIO



cuidarmos é lavando muito bem as mãos, usando álcool em gel e também utilizando máscaras. Acho que esses atos devem se tornar costume no futuro.

Ainda não temos algo capaz de controlar ou fazer com que não peguemos a doença, mas há muita gente trabalhando nisso para que ocorra o mais breve possível.

Sei que vamos conseguir e vamos passar por essa, apesar de todos os desafios e consequências da doença.

Victória Regina Velho

SUMÁRIO

Florianópolis/SC, 16 de setembro de 2020

QUERIDAS CRIANÇAS, como é bom escrever para vocês!

Vou contar o que nos aconteceu. No inicio de 2020 apareceu um vírus chamado Covid-19, que tirou a paz de todos os seres humanos, contaminou o mundo em que vivemos. No Brasil onde moramos tudo parou de funcionar em uma quarentena, mas foi preciso fazer mais quarentenas, pois somente assim teríamos total proteção. Era importante que todos ficássemos em casa, queridas crianças, então a criatividade (artística) entrou em cena nesse tempo. Como ela foi utilizada nesse momento para ficar um pouco em harmonia com os que vivem juntos com grupo familiar ou de amigos nesse momento de pandemia? Então: a música, dança, filmes, pinturas, etc., são fundamentais para viver em momento de total isolamento social, pois eles nos transmitem muita luz, força, esperança de dias melhores e também é uma maneira de cuidar da saúde mental. Foi assim que aconteceu em 2020, e ficamos esperando a volta do nosso normal, do que já estávamos acostumados a viver. Crianças, é muito bom também vocês saberem a importância da vacina, pois ela nos protege das doenças, e os pais, como tem muito amor aos seus filhos, eles os levam para serem vacinados; se não tem a vacina a



população pede aos governantes para providenciar a tal vacina para seu povo, e é claro que o afeto um pelo outro é fundamental. É isso.

Um grande abraço,
Sônia Da Silva Vinhote Ferreira

SUMÁRIO

Florianópolis/SC, 14 de setembro de 2020

Olá, fico feliz que essa carta tenha chegado em suas mãos, gostaria que outras crianças lessem e sentissem o que estou sentindo agora... É estranho pensar em como tudo mudou tão rápido.

Desde março de 2020 estamos em isolamento social, vocês já devem saber o motivo, o novo coronavírus atingiu de uma maneira inesperada e violenta o planeta e nos ensinou muita coisa, mas também trouxe muito sofrimento para todos.

Gostaria de saber como as coisas estão nesse ano que vocês estão lendo essa carta e imaginar o rostinho de vocês, a realidade que vocês vivem. Espero que muita coisa tenha melhorado, muitas coisas você já devem ter estudado no colégio sobre o que ocorreu no ano de 2020, por isso quero descrever para vocês um pouco como foi sentir tudo isso, na verdade, nunca soube o que sentir, um dia estava bem, com esperanças que tudo melhoraria logo logo, e depois os casos voltavam a subir e minhas esperanças iam embora. O triste foi ver que houve pessoas que não acreditaram na gravidade da doença e não colaboraram para controlar. Pessoas estão perdendo seus empregos, e não estão tendo como manter suas famílias, espero mesmo que neste ano

SUMÁRIO

que vocês estão lendo essa carta, a desigualdade tenha diminuído, que as pessoas tenham empregos dignos. Outra questão que está sendo muito desafiadora neste ano é a educação, implementaram um ensino remoto para todos e inúmeras crianças estão sem acesso e até já desistiram de estudar, espero que vocês estejam tendo a oportunidade de terem bons estudos. Outro aspecto negativo foi que muitas famílias perderam seus entes queridos para esta doença, mas não quero contar só as coisas negativas que aconteceram, houve também coisas positivas, muitas pessoas ficaram mais solidárias, começaram a pensar mais nos outros, por causa da distância as pessoas começaram a valorizar mais o abraço apertado, um sorriso largo, um carinho, um afeto. Por isso, se vocês podem, abracem bastante, brinquem bastante, sorriam bastante. Aproveitem a vida, fiquem bem!

Com carinho,
Rafael da Silva

Florianópolis/SC, 06 de setembro de 2020

Não sei quem você é, ou pelo o que passou. Mas, olá, me chamo Nina, e converso com você de tempos futuros.

Espero que, enquanto você ler esta carta, não estejas trancada em casa. Espero que não precisas ter medo de respirar sem que uma máscara cubra o teu rosto, por causa de um vírus ou por causa da fumaça das queimadas. Espero que já possas correr livremente, tocar nos brinquedos e abraçar os seus amigos sem que depois você tenha que se banhar em álcool em gel. Espero que você consiga ver os sorrisos das pessoas na rua. Espero que esse medo de viver e morrer não te acompanhe no dia a dia.

Se você não sabe muito bem sobre o que eu estou falando, você ainda vai aprender sobre isso na escola, porque, imagino eu, o ano de 2020 foi histórico e deve estar nas páginas dos livros didáticos. Mas bem, deixa eu te dar uma breve explicação sobre o que estou falando.

No ano de 2020, logo no começo, o mundo foi pego de surpresa por um novo vírus, a Covid-19. Quando eu digo que o mundo foi pego de surpresa, é porque esse vírus se espalhou por todo o planeta Terra, tomando conta de todos os cantos habitados por humanos. Primeiro, ele

SUMÁRIO

foi aparecendo aos poucos, infectando alguns grupos de pessoas, como idosos e pessoas mais frágeis. Mas, como esse vírus era muito fácil de pegar, ele era esperto e pulava de pessoa em pessoa através de espirros e tosses. Ele viajou pelo mundo todo, e em poucos meses ele já tinha visitado todos os continentes. Temos um nome para quando isso acontece, chamamos de "pandemia".

Para que o vírus não machucasse tantas pessoas, o mundo fechou as portas. Nos fechamos em nossas casinhas, com as nossas famílias, para nos proteger. Entramos em quarentena. Não se podia ir à praia, ao parque, ao dentista (só em caso de emergência), as escolas foram fechadas, assim como os restaurantes, lojas e shoppings. No começo, os únicos lugares que estavam abertos eram aqueles que eram essenciais, como farmácias, mercados, hospitais, postos de gasolinhas e postinhos de saúde. O mundo teve que parar para se proteger.

Com o passar do tempo, em alguns lugares do mundo as coisas começaram a abrir, aos poucos. Em países onde o vírus foi controlado (ele ainda está presente, mas não atinge mais tantas pessoas), a vida começou a voltar ao "normal". Coloco "normal" entre aspas porque as coisas não voltaram a ser como antes. O uso de máscaras, em muitos lugares, ainda é obrigatório, shows estão proibidos e

SUMÁRIO

ainda é preciso tomar muito cuidado. Teremos que nos adaptar e tornar isso o nosso novo normal.

Acontece que, aqui no Brasil, muitas pessoas não levaram muito a sério a quarentena. Estou escrevendo essa carta no meu quarto, ainda sem poder sair de casa sem medo. Daqui há 2 dias, dia 16 de setembro de 2020, vai fazer 6 meses que estou de quarentena. Seis meses sem sair de casa, sem ver os meus amigos, sem ir pra faculdade. Enquanto muitos países já estão começando a liberar as suas atividades, o Brasil continua quase que no mesmo lugar. Se todos tivessem seguido as regras, ficado em casa e respeitado o próximo, quem sabe nós também já estariamos nos acostumando ao novo normal. Mas não quero te aborrecer com notícias negativas. Vais aprender o suficiente sobre tudo isso que aconteceu.

Como estou no passado, não sei como as coisas vão desenrolar. Não sei como vou estar quando você ler essa carta, não sei pelo o que terei passado. Só sei que eu espero que, na medida do possível, fique tudo bem. Espero que a vacina tenha dado certo, e espero que você já tenha a tomado, porque ao tomá-la, além de se proteger, você está protegendo outras pessoas. Espero que, quando você aprender sobre a pandemia de 2020, você consiga perceber todas as ações que foram feitas com boa intenção, mas

SUMÁRIO



também as ações de má intenção. Espero que você trate e lembre com respeito essa pandemia, pois muitas pessoas morreram por conta do vírus, e muitas morreram lutando contra o vírus e cuidando dos outros. Espero que, no seu mundo, no meu futuro, essas pessoas sejam honradas.

Espero muito que o mundo esteja mais tranquilo, mais belo. Espero que tenhamos nos tocado que o planeta Terra é a nossa casa e que só existe (pelo que sabemos) um dele. Espero que tenhamos aprendido alguma coisa com essa pandemia.

Ame a natureza, o ar que você respira. Saia de casa, observe os pássaros nas alturas e as formiguinhas na calçada. Aprecie e ame as pessoas que te querem bem. E agradeça, sempre. Espero que você esteja bem.

Atenciosamente,
Nina

Florianópolis/SC, 10 de setembro de 2020

Fico feliz que você tenha a oportunidade de ler esta carta. Com certeza já sabes como tudo se finalizou, as partes ruins, a saudade e o tédio de vez em quando, mas também as partes boas, como o tempo de se refletir sobre tudo, sim, sobre tudo mesmo!!

Saiba que não é a primeira vez que isso aconteceu no mundo, várias pandemias como essa já aconteceram, o jeito que a gente tratou essa que é bem diferente do passado. Muita gente sofreu com a doença, principalmente aqueles que perderam pessoas na família, e é por isso que você deve olhar para 2020 como um ano muito difícil de se estar. Ninguém esperava que isso fosse acontecer. Pegou todo mundo de surpresa, o susto até que foi fácil de superar, o resto que foi mais complicado, mas aos poucos aprendemos a tornar tudo isso como uma rotina de um dia normal.

No começo posso dizer que compartilhei o pensamento de quase todo mundo, de que logo tudo voltaria ao normal, de que não havia razão para pânico e preocupação. Mas como você já sabe, quanto mais passava o tempo, mais perigoso tudo pareceu ficar. Quando finalmente foi dito que deveríamos ficar em casa, numa quarentena, o mundo

SUMÁRIO

inteiro virou de cabeça pra baixo. Não poderíamos mais sair de casa!!! Significava não poder mais ir à escola (talvez você goste dessa parte), não ir mais à praia e nem mesmo visitar nossos amigos. Foi uma situação bem chata, que durou o ano todo! Imagine ficar o ano todo sem sair do seu quarto. Sem sair de casa.

E agora escrevo essa carta para você, mesmo ainda estando no meio dessa quarentena. Faz um tempo que não saio de casa, mas aprendi a suportar esse momento. Sei que há muitas pessoas passando por dificuldades bem mais graves que a minha, e é sempre bom sabermos disso, e tenho muito que agradecer à minha família por sempre me abrigar, principalmente nessa situação. Com certeza você deve pensar assim também, já que sua família estará sempre com você, nos momentos difíceis e nos momentos agradáveis.

E agora, só posso torcer para o dia que a vacina seja distribuída, para que possamos voltar seguros para a companhia de todos que sinto falta.

Fique bem.

Paulo

Florianópolis/SC, 08 de setembro de 2020

Queridas crianças,

No ano de 2020 surgiu um inimigo invisível, um vírus que somente pode ser visto por um aparelho chamado microscópio, esse aparelho normalmente é usado por médicos, cientistas, farmacêuticos e serve para ver os vírus e as bactérias. Esse vírus é chamado de Covid-19, ele era muito perigoso, podia deixar as pessoas muito doentes, principalmente as pessoas mais velhas como o vovô e a vovó. A Covid-19 estava pelo mundo inteiro, em vários países, por isso era preciso ficar em casa se cuidando. Para se proteger desse inimigo era preciso ter cuidados como lavar bem as mãos, passar álcool em gel nas mãos e em certos acessórios, usar máscaras quando era necessário sair de casa como os médicos, dentistas e enfermeiros usam. Também não podia dar abraços e beijos e nem frequentar a escola ou ir na casa dos amigos e amigas. Além disso, precisava estudar pelo computador, fazer videochamadas com os colegas e professores e claro realizar brincadeiras somente dentro de casa. E para descobrir quando uma pessoa pegava o vírus era preciso estar atento aos sintomas, como tosse, febre e cansaço, e para ter certeza então que essa pessoa estava



doente precisava fazer testes e exames. Mas no meio de toda essa situação, existiam heróis que eram os médicos, enfermeiros e outras profissões muito importantes que colaboravam para o vírus não prejudicar tanto o mundo. Além do mais, o papai e a mamãe ou qualquer outro adulto passavam a ficar trabalhando em casa, cuidando de seus filhos, brincando e estudando com eles para o tempo passar rápido. Naquele ano era muito importante ter paciência e esperança, acreditar que uma vacina pudesse proteger o mundo inteiro. E antes que você pense que a vacina é dolorida, não, ela não é. Foi ela que deixou todos tranquilos para voltar aos poucos com a rotina e voltar a se abraçarem.

Com carinho,
Marcela

SUMÁRIO

Florianópolis/SC, 08 de setembro de 2020

Caras crianças do futuro,

Estou escrevendo essa carta a vocês porque, neste momento, o mundo vive em meio a uma pandemia e diante desta situação creio que tenho alguns conselhos para vocês, caso passem ou não por algo parecido.

As pessoas estão experimentando sensações que não estão sendo nada agradáveis e estão deixando todos apavorados. A pandemia foi causada por um vírus, Covid-19. Muitos disseram e acreditaram que poderia ser uma gripezinha, mas ninguém de fato sabia do que se tratava e por isso morreram milhares de pessoas até o momento.

Escrevo a vocês essa carta como um alerta para que não entrem em pânico, porém tomem os devidos cuidados se surgir algo diferente. Lembrem-se dessa carta e não esqueçam de sempre lavar as mãos antes de qualquer refeição, depois de ir ao banheiro e quando chegar da rua. Se for necessário, usem máscara e álcool em gel pois no ano de 2020 quase faltou álcool em gel e máscara, pois estamos enfrentando um inimigo invisível, mas com fé em Deus tudo vai dar certo!



Se vocês passarem por algo parecido, não sintam medo! Mas cuidem de si mesmos e de seus pais. Obedeçam, pois eles querem o melhor de vocês. E se o mundo estiver sendo um lugar melhor, sejam gratos e aproveitem a liberdade que puderem desfrutar; e sejam felizes.

No passado de vocês e no meu presente, acredito que esse período logo vai acabar e vamos voltar a viver como antes, "normalmente". Espero que tenhamos as mesmas alegrias de viver com os amigos, abraçá-los, beijá-los, ver os professores, os nossos vovôs e vovós.

Quero poder passear no parque, no horto, na Beira Mar aos sábados e domingos de sol com nossos cachorros ou de bicicleta. O importante é ser feliz e lembrem-se: eu vou estar velhinha e não poderei mudar o passado, mas vocês poderão fazer um futuro diferente e muito melhor.

Beijos de quem os ama muito,
Michelle Mendes

SUMÁRIO

Florianópolis/SC, 08 de setembro de 2020

Queridas crianças,

Eu vim contar uma história para vocês, enquanto eu estou escrevendo isso, eu estou em casa (claro, é sábado), mas eu estou tendo aulas em casa, não posso ir para a faculdade, nenhuma criança pode ir pra escola e nem os papais e mamães podem ir trabalhar. Com certeza alguém aí pensou "Ué, mas é tão bom não precisar ir pra escola", pois é, muitos aqui também achavam isso, mas alguma hora dá saudades de ver nossos amigos, né? E eu não te contei, mas a gente nem pode sair de casa, só pra coisas muito urgentes, sabe por quê?

Estou no ano de 2020, agora é setembro, mas tudo começou em março. Apareceu uma doença, tipo uma gripe, só que um pouco pior, todo mundo tem que tomar muito cuidado, principalmente os vovôs e vovós. A gente não pode sair de casa, não pode ver os amigos e a família que moram longe e também não pode dar abraços, chato né?

Lembra que disse que só pode sair de casa pra coisas urgentes? Pois é, tipo ir no mercado ou no hospital e quando saímos temos que usar máscaras.

Tainá Patrícia Holz

Desterro/SC, 03 de setembro de 2020

Estimada criança do novo tempo,

Hoje estou aqui para deixar minhas impressões do momento que estamos vivendo. Atualmente estamos experimentando grandes quebras de paradigmas. Estamos sendo convidados para analisar e refletir o que fizemos e estamos fazendo com o dom da vida. Perguntas simples, como 'o que esperamos deixar como legado?' ou 'o que queremos para nossas vidas?', não encontram respostas imediatas.

O mundo inteiro está enfrentando adversidades que provocam reflexão e atitude. Claro que muitos afoitos correm para expressar suas opiniões. Alguns nem se preocupam com o resultado das ideias que estes têm sobre a vida e sobre a necessidade da valorização de cada ser que constitui a nossa sociedade. Muitos desses que falam sem pensar estão até em altos cargos no governo. Não só no nosso, mas em governos de outros países também.

Apesar do quadro feio que acabo de descrever, minha criança amada, não se aflija, pois você tem dentro de si as soluções necessárias para que o mundo seja e permaneça melhor. Acredite, você é capaz. Mesmo porque, hoje eu faço a boa profecia: afirmo que o tempo que você vive é um

SUMÁRIO

tempo de paz, amor e prosperidade. Profetizo que o bem venceu o mal.

No entanto, quero deixar um alerta, se assim o faço, faço apenas para que você esteja atenta. Não se assuste, apenas esteja desperta e perceba movimentos silenciosos que o mal faz para abarcar o bem. Também o faço porque a vida é cíclica. Tudo que um dia aconteceu pode retornar com outra roupagem. Mas não se deixe enganar, muda-se a roupa, mas os intentos permanecem. É o perverso querendo amordaçar o bem.

Foi assim que Hitler dizimou milhões de inocentes. E é assim que muitos governos estão revivendo os passos deste líder do mal. O nosso país até criou notícias falsas para seduzir pessoas ingênuas e outras tendenciosas. Enfim, há um grande jogo de poder. Este poder usa todos os recursos, até mesmo o de impedir que as crianças de hoje aprendam a ler e escrever.

Porém, eu já disse e repito, estou fazendo a boa profecia: eu creio que você vive um tempo de paz e amor sincero e humano. Apenas deixo este alerta, de que consulte sempre o seu coração. O coração sente quando há algo indevido, então, não perca seu tempo, escute. E escute com



muita atenção tudo que o seu coração diz. Respeite seus sentimentos e siga sempre o caminho do Bem.

Cordialmente,

Elisa, uma eterna criança sonhadora

SUMÁRIO

Florianópolis/SC, 14 de setembro 2020.

O que dizer para uma criança do futuro? Por partes seria o que eu diria hoje para uma criança: aproveite a sua infância, brinque bastante, faça muitos amiguinhos, aproveite o amor de seus pais, preste atenção na aulas já que está cada vez mais difícil ser "alguém na vida", pois, a sociedade evolui constantemente, então o padrão de inteligência acaba aumentando também. Fico me perguntando como vocês nos verão nos livros de História passando por essa pandemia da Covid-19. Talvez seja um marco de evolução como foi a revolução industrial, ou talvez seja apenas um período difícil, que além de abalar a economia causou milhares mortes pela imprudência e irresponsabilidade de muitos. Espero que quando tudo isso acabar, as pessoas tenham aprendido a lição de ter empatia e preocupação ao próximo, consigam superar essa mudança radical que houve e seguir em frente. Falo isso esperando que você, criança do futuro, reflita sobre esse acontecimento e pense que todos nós poderíamos ter evitado tal disseminação tão catastrófica se fôssemos mais conscientes dos nossos atos.

Letícia Bonetti Zanini

Florianópolis/SC, 22 de setembro de 2020

Olá crianças,

Hoje o futuro parece incerto e amanhã a história certamente será confusa. Hoje vivemos um momento delicado, cheio de incertezas, não sabemos quando tudo voltará ao "normal", se é que voltará!

Só sei que, alguns hábitos serão modificados para sempre. Estamos no meio de uma pandemia e não está sendo fácil. Estamos isolados, sem convívio social e longe de muitos que amamos. Muitos sofrem com a ansiedade, de não saber o que estar por vim. Estresse, por não poder sair de casa ou ter que trabalhar confinado em casa. Obesidade, por descontar as emoções na alimentação. Outros sofrem por ter que sair para trabalhar em meio ao caos da pandemia. Escolas estão fechadas. Crianças com seu desenvolvimento e habilidades socioemocionais afetadas. Estamos vivendo a pior crise financeira do país.

Eu vendo tudo isso, observo e cresce dois sentimentos em mim, um de felicidade e outro de preocupação. Felicidade, pois a pandemia me permitiu ficar mais próximo dos meus filhos, participar mais da infância deles e ver de pertinho cada passo que eles dão. Preocupação, porque

SUMÁRIO



não sei como será o seu futuro, não sei como será o seu mundo. Por não saber o que nossa nação te proporcionará quando estiver pronta para nele fazer voo solo.

Hoje quase todos os políticos roubam e por isso muitos cidadãos se acham no direito de sonegar. Esse ciclo vicioso só faz com que nada mude. A questão é estrutural e talvez você possa viver num lugar melhor amanhã. E só de ter essa esperança, já me alegro.

Espero que a consciência, a união e a esperança de hoje seja seu futuro digno de amanhã! Meu maior desejo é que você tenha o orgulho de ser brasileiro.

"Esperança é a última que morre!"

Natália Martins Costa

SUMÁRIO

Florianópolis/SC, 14 de setembro de 2020

Olá a você aí que está lendo,

Te escrevo porque meus tempos são difíceis e essa é uma tentativa de, quem sabe, te aconselhar a algumas coisa - se é que será necessário.

É por não saber quem é você que está lendo, que não poderei ser tão precisa, então por favor, antes de continuar a carta, vou me apresentar e em seguida você pode fazer o mesmo, em voz alta para que eu possa te ouvir de algum lugar.

Me chamo Mariah e moro em Florianópolis, Santa Catarina. O ano é 2020 e o mundo passa pela maior crise sanitária já vivida em minha geração. Isso significa que apesar de sermos e vivermos muito diferentes, temos todos uma coisa em comum: estamos acometidos por uma pandemia.

Em alguns países as redes de solidariedade e a responsabilidade com a saúde pública falaram mais alto do que a preocupação em "tocar as coisas como dá". No Brasil, não. Aqui nós somos estimulados dia após dia a desistir do confinamento, a estarmos nas ruas e a acreditar que essa doença - que até hoje já matou mais de 100.000 pessoas no país, é só "uma gripezinha".

SUMÁRIO

Dizem por aí que esse é um projeto, é assim que o Estado gerencia as vidas que importam e as que "não tanto". A isso chamamos de Necropolítica. Teremos vencido se esse termo só estiver em livros de História no momento em que você vive, que não seja mais da ordem do cotidiano.

Talvez isso seja assustador, mas mais assustador ainda é imaginar que não há nada de normal naquilo que vivíamos antes da pandemia. Há algum tempo vemos e sentimos o resultado da exploração e colonização em nosso país. "A montanha Brasil" foi estruturada de maneira desigual e em tempos de crise, como a que vivemos hoje, tudo se intensifica. Imagine só o que acontece juntar várias características sociais em uma só criança que vive nesse país? É como o caso do menino que morava no Complexo de Salgueiro, João Pedro, que a Polícia do Rio de Janeiro tomou sua vida e sumiu com seu corpo, sem explicar nada a sua mãe e família... Sim, vivo em tempos difíceis, em que a desigualdade governa o país, mas acreditamos que tempos melhores virão. Quem sabe para você esse tempo já tenha chegado. Assim espero.

Como disse, se há algum conselho para te dar é que olhes para o passado e possas refletir, para conquistar e manter estruturas dignas à nossa sociedade e, somente



assim, possas superá-los, vivendo com toda certeza em tempos melhores.

Com carinho,
Mariah

SUMÁRIO

Cartas para depois da pandemia

"Âncora, vela,
Qual me leva?
Qual me prende?
Mapas e bússola,
Sorte e acaso,
Quem sabe
Do que depende?¹⁴"

(Engenheiros do Hawaii, *Mapas do Acaso*)

É difícil escrever sob acontecimentos históricos quando ainda os vivenciamos, quando sentimos na pele os seus efeitos e observamos de perto suas consequências em diferentes cenários, com distintos indivíduos e sociedades. Não temos a possibilidade de apreciar à distância fatos que agora se desdobram diante de nossos olhos, de modo tão repentina e inesperado, até mesmo de forma abrupta. "O tempo nos permite dar zoom e ver as coisas de forma mais objetiva, menos emocional", descreve David Nicholls¹⁵. Às vezes, no calor do momento, estamos tão imersos e afetados pelo que nos acontece que não compreendemos com mais cuidado e prudência o momento e/ou a situação pela qual passamos.

De alguma maneira isso se torna evidente na leitura das cartas que compõem este livro, ao notarmos como em muitas delas o novo coronavírus é retratado como o grande

SUMÁRIO

vilão da história, esquecendo ou não percebendo que "somos piores que a Covid-19", como afirmou o líder indígena e escritor brasileiro Ailton Krenak¹⁶. De forma semelhante, Mia Couto, biólogo e escritor moçambicano, salientou tal perspectiva, ao não se conformar "com a ignorância que mantemos sobre os vírus e as bactérias", que segundo ele está "muito ligada a uma visão antropocêntrica que mantemos do mundo e da vida¹⁷".

No entanto, essa percepção do vírus como um monstro invisível que aniquila humanos não foge à regra geral. Ainda que não o seja, sabemos que muitos continuarão falando sobre ele a partir dessa premissa. Não deixa de ser um sintoma de nosso tempo, diante de tantas telas e informações, considerado pelo filósofo suíço Alain de Botton o mais influente meio de educar as pessoas. "Não importa o que aconteça nas salas de aula: a mais poderosa e constante forma de educação ocorre nas ondas de rádio e em nossas telas¹⁸".

Em *O Livro dos Abraços*¹⁹, o escritor uruguai Eduardo Galeano pergunta se a televisão mostra o que acontece, respondendo em seguida que na verdade "a televisão mostra o que ela quer que aconteça". Ao lado de outros artefatos da cultura digital, a televisão continua presente nas nossas vidas, e essa "máquina de fazer doido", como

assim a denominou Sérgio Porto no seu famoso *Festival de Besteira que Assola o País*²⁰, pelo visto continua confundindo e desorientando muita gente.

Não somente a televisão, mas também dispositivos móveis como celulares e seus aplicativos influem nesse sentido, pois em "uma época de desorientação e aleatoriedade²¹", onde "a resposta está a um clique²²" e a informação circula instantaneamente pela internet entre seus usuários - em especial nas novas arenas de debates públicos das redes sociais, cada vez mais acessadas -, percebemos a dificuldade em filtrar informações e interpretá-las; e considerando o caráter excepcional provocado pela pandemia, podemos avaliar o quanto ambas talvez tenham contribuído para propagar aflição, desespero e desconhecimento sobre o que acontecia/acontece, tão rápido quanto a transmissão do próprio vírus entre as pessoas.

Não se pode, porém, julgar somente por seu ponto de vista mais prejudicial. Pois se por um outro lado a televisão e a internet levaram o caos externo para dentro das casas e mentes de muitas pessoas, por outro ajudaram a informar e prevenir tantas outras sobre o que acontecia no mundo a respeito da Covid-19. Se o terror se espalhou de modo repentino nos primeiros meses da

pandemia, é provável que tenha sido pela simples falta do bom senso, "talvez o procedimento geral mais eficaz para evitar que um surto se torne uma pandemia total²³".

Contra a propensão de atitudes precipitadas, um bom exercício educativo é a escrita. Quando colocamos no papel aquilo que percebemos e sentimos somos levados a pensar um pouco mais sobre o que escrevemos. Logo, diante de um tempo de tantas e tamanhas incertezas, propor uma atividade como a escrita de cartas para um grupo de estudantes é um exercício mais do que válido e bem-vindo. Precisamos refletir sobre o que ainda está acontecendo, sobre como chegamos até aqui, como nos comportamos, o que fizemos ou deixamos de fazer e, especialmente, sobre as tantas vidas que poderiam ter sido salvas se estivéssemos mais bem preparados, no sentido da consciência e ciência da gravidade da situação.

O que falar da morte?, indagou certa vez Rubem Alves²⁴, que sugere o silêncio como a melhor resposta. Para ele, "o silêncio é a palavra mais significativa que se pode falar diante da morte. Porque no silêncio não dizemos nada. O silêncio é como uma taça vazia que, por ser vazia, permite que a pessoa que está sofrendo recolha nela todas as suas lágrimas, que nós não conhecemos". Esse período de quarentena é propício para o silenciar,

para praticar efetivamente a escuta - do mundo, dos outros e também de nós mesmos. Para chegarmos nesse ponto é preciso ouvir além do silêncio externo, alcançar o silêncio dentro da gente.

Um bom caminho para essa comunicação interna, interior, é a escrita. Com ela chegamos mais longe em menos tempo, e alcançamos profundidades que aparentavam ser impossíveis de chegar. Descrever sentimentos em palavras não é tarefa fácil, mas é necessária, individual e coletivamente. E este é mais um dos pontos de destaque na produção dessa obra, porque estão aqui documentadas impressões e sensações sobre um evento global, de alcance planetário, mas a partir de uma concepção local, ou seja, do olhar individual e singular - que revela a beleza e poética de cada um/a que vivenciou este momento -, se articulando em um registro precioso para nós e para as gerações futuras.

Ao considerarmos que muitas das narrativas presentes nas cartas se configuram dentro de um imaginário social mais amplo, que vai da esfera da vida privada para a pública, as impressões dos estudantes resultam então em dados que podem ajudar a entender melhor nosso tempo presente, em especial o ano de 2020 em todo o seu/nosso contexto político (no mundo e no Brasil). Neste sentido,

as cartas aqui compartilhadas manifestam os anseios de quem vivenciou uma experiência até então inédita em suas vidas e teve que lidar com outras questões, em certa medida até mais graves que o vírus. No plano social com a inoperância política do governo brasileiro, que agravou em muito uma situação por si só alarmante, bem como a crise ambiental que assola nosso planeta. No plano particular, as estratégias de sobrevivência frente aos desafios impostos pela quarentena, se tornou uma das mais tristes evidências de nossa desigualdade.

Organizamos este livro no intuito de que crianças, estudantes e professores de diferentes níveis de ensino e demais pessoas interessadas em saber sobre nosso momento histórico possam ler - ou ouvir, a partir da leitura de outras pessoas - sobre como esse acontecimento reconfigurou a vida de tantas pessoas. Quem sabe elas tenham acesso a essas cartas em casa, na escola, na academia ou em alguma biblioteca; por ventura devido a alguma atividade escolar/acadêmica ou por puro interesse, vontade e curiosidade de saber mais a respeito. Como diz a canção, *quem sabe... do que depende?* Esperamos que elas possam sentir, mesmo à distância, um pouco desses sentimentos expressados nas palavras e partilhados coletivamente; numa época, assim desejamos, sem este vírus e mais preparadas para os próximos.

"Em suma, nunca se explica plenamente um fenômeno histórico fora do estudo de seu tempo", ressaltou o historiador francês Marc Bloch²⁵. "O provérbio árabe disse antes de nós: "Os homens se parecem mais com sua época do que com seus pais." Por não ter meditado essa sabedoria oriental, o estudo do passado às vezes caiu em descrédito", conclui o autor. As cartas, como registro histórico, permitem não apenas vislumbrar tempos passados, mas compreender aspectos singulares dos indivíduos e das sociedades. Com as cartas deste livro que você acabou de ler, esperamos ter contribuído com a tarefa de plantar e cuidar de novas histórias, ajudando a semear esse jardim de narrativas e sentimentos que compõem a humanidade e dão sentido ao nosso viver²⁶.

José Douglas Alves dos Santos
Florianópolis, SC. Outubro de 2020.

SOBRE OS ORGANIZADORES

Monica Fantin

Professora Associada do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, atua no Curso de Pedagogia e no Programa de Pós-graduação em Educação, Linha de Pesquisa Educação e Comunicação. Doutora em Educação pela UFSC com Estágio na Università Cattolica del Sacro Cuore, USCS, Milano, onde realizou o Pós-Doutorado em Estética no Departamento de Filosofia. Líder do Grupo de Pesquisa Núcleo Infância, Comunicação, Cultura e Arte, (NICA, UFSC/CNPq), possui diversas publicações sobre temas da infância, cinema e educação, mídia-educação, cultura digital e formação de professores. E-mail institucional: monica.fantin@ufsc.br

José Douglas Alves dos Santos

Pedagogo e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe. Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Integrante do Grupo de Pesquisa Núcleo Infância, Comunicação,

Cultura e Arte (NICA, UFSC/CNPq). Escritor e Desmistificador de Dália. Idealizador do Zensacionalista.

E-mail: jdneo@hotmail.com

SUMÁRIO

‘NOTAS DE FIM’

- 1 MILANI, L. *Carta a uma professora: Scuola de Barbiana*. Lisboa: Editora Presença, 1982.
- 2 FREIRE, P. *Professora sim tia não: cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Olho d’Água, 1994.
- 3 RILKE, R. M. *Cartas a um jovem poeta*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1997.
- 4 ROWLEY, H. *Simone de Beauvoir e Jean-Paul Sartre Tête-à-Tête*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.
- 5 SALOME, L.A. *Carta aberta a Freud*. São Paulo: Editora Landy, 2001.
- 6 LITTLE, T. *Querido mundo, como vai você?* São Paulo: Fontanar, 2017.
- 7 FREINET, C. *A educação do trabalho*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- 8 Organizamos o planejamento das aulas em atividades síncronas, com encontros mediados por tecnologias em diversas plataformas, e atividades assíncronas disponíveis na plataforma Moodle/UFSC.
- 9 RIVOLTELLA, P.C. In *La didattica ai tempi del Coronavirus*. Disponível em: <http://www.sirem.org/compendio-sirem-la-didattica-ai-tempi-del-coronavirus/>

SUMÁRIO



- 10 FREIRE, P. *Pedagogia da Esperança*. 23^a. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.
- 11 SANTOS, B. S. *A cruel pedagogia do vírus*. Coimbra: Edições Almedina, 2020.
- 12 Entrevista Mia Couto: nós, humanos, não somos tão importantes assim. Disponível em: <https://exame.com/casual/mia-couto-nos-humanos-nao-somos-tao-importantes-assim/>
- 13 PRETTO, N. O perigo do retorno das escolas. Disponível em: <http://www.pretto.info/?fbclid=IwAR2tmGLD8vb87KJWSGprgn76eKCe5wbmABOQSHF2BCXnsFMSyUpRBhhcmQ>
- 14 Trecho da música do Engenheiros do Hawaii, composta por Humberto Gessinger e gravada ao vivo no disco *Filmes de Guerra, Canções de Amor*, de 1993.
- 15 NICHOLLS, David. *Nós*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.
- 16 KRENAK, Ailton. *O amanhã não está à venda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- 17 COUTO, Mia. O vírus não pode ser entendido como o vilão da história - Entrevista de Ubiratan Brasil com Mia Couto. O Estado de S. Paulo, São Paulo, maio 2020. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,mia-couto-o-virus-nao-pode-ser-entendido-como-o-vilao-da-historia,70003300582>

- 18 BOTTON, Alain de. *Notícias: manual do usuário*. Rio de Janeiro: Intríseca, 2015.
- 19 GALEANO, Eduardo. *O livro dos abraços*. Porto Alegre: L&PM, 2005.
- 20 PONTE PRETA, Stanislaw. *Febeapá 1, 2 e 3: festival de besteira que assola o país*. Rio de Janeiro: Agir, 2006.
- 21 Alain de Botton, no seu livro já citado.
- 22 GESSINGER, Humberto. *Mapas do acaso: 45 variações sobre um mesmo tema*. Caxias do Sul: Belas-Letras, 2011.
- 23 CASTI, John. *O colapso de tudo: os eventos extremos que podem destruir a civilização a qualquer momento*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.
- 24 ALVES, Rubem. *Ostra feliz não faz pérola*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.
- 25 BLOCH, M.. *Apologia da história, ou, O ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- 26 ESTÉS, C. P. *O jardineiro que tinha fé*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

SUMÁRIO



As pessoas têm sentido uma "angústia muito forte", pois "são pais perdendo seus filhos, e filhos perdendo seus pais". Diante de um cenário tão atípico como este, uma pergunta ganha relevo: será que conseguiremos "aprender alguma coisa?".

Este tempo talvez seja propício justamente para despertar uma maior aproximação com os outros e nós mesmos, além de nos fazer perceber "quanta coisa que achávamos que eram detalhes e na verdade são especiais demais" para desperdiçarmos.

É de apertar o coração pensar nos desafios que as crianças têm

enfrentado quando deveriam estar na escola, brincando e aprendendo junto de seus amigos e amigas, pois "esse momento da trajetória escolar é mágico demais para ser vivenciado através de uma tela", até "porque nada supera a interação que você tem e os laços que você cria na escola".

Que possamos, após a pandemia, continuar observando essas "coisas que sempre estiveram ali, mas que ainda não tinham sido percebidas", acompanhados da família, dos amigos e de todas as pessoas que orientam a vida para a esperança, ela "que nos move para dias melhores".

www.pimentacultural.com